

MAPA ECONÔMICO DO RS

5ª edição
Região Metropolitana
Vale do Sinos
Litoral
Região Centro-Sul



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
O futuro nos une.



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul



BRDE



**con-
jun-
tos**

Desenvolvimento passa por inovação e indústria sustentável

Regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Litoral e Centro-Sul vivem transformações nos serviços puxadas por parques tecnológicos; fábricas recebem investimentos focados em avanços ambientais

Carta do editor

O Mapa Econômico e o desenvolvimento



Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

Quando nos propusemos a realizar um mapeamento da economia do Rio Grande do Sul, sabíamos que se tratava de um projeto ambicioso, considerando a riqueza e a diversidade do Estado. A atividade econômica em solo gaúcho não é homogênea, pelo contrário, apresenta características muito peculiares em cada região.

Ainda assim, encaramos o desafio de apresentar um panorama das cadeias produtivas no Estado, pois é um trabalho que está em linha com a trajetória de 90 anos do Jornal do Comércio. Como diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul, o JC faz um raio-X da economia gaúcha a cada edição.

Ao longo do ano, publicamos conteúdos especiais sobre setores da economia no Estado, aprofundando temas e revelando tendências. Nisso, há um caráter de formulação, que está em apresentar informações novas ao grande público,

permitindo pensar e projetar o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.

É um trabalho de jornalismo de dados, em que juntamos e analisamos informações disponíveis, em alguns casos publicadas ao longo do tempo isoladamente. A partir dessa “visão da floresta”, de conjunto dos dados, conseguimos trazer novas informações.

Um exemplo é a pesquisa Marcas de Quem Decide, que revela anualmente a preferência e a lembrança de marcas em 75 setores da economia gaúcha, há 25 anos. A evolução desse mapeamento de marcas permite ver as transformações no mercado ao longo do tempo.

Outro exemplo desse trabalho de dados é o nosso Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul. Ele começa no dia a dia, já que, em quase todas as suas edições, o JC publica informações de novos empreendimentos em solo gaúcho: a rede de varejo que abre novas unidades, a indústria que expande a produção, a estrada que é ampliada, um parque eólico instalado.

Esse é o quinto especial, que fecha o mapeamento do território gaúcho, trazendo indicadores da economia do RS

Olhando essas notícias de forma pontual, no dia, trata-se apenas de mais um dado, a iniciativa de uma empresa, de uma prefeitura, de um governo, de uma cooperativa... Evidentemente, tem seu valor para o setor e para o momento em que acontece.

Agora, quando reunimos todos os dados, todas as notícias de investimentos realizados em um determinado lugar, no nosso caso, em solo gaúcho, temos um panorama completo dos aportes feitos. E aí trazemos um indicador novo, que é a soma dos investimentos no Rio Grande do Sul anunciados ou realizados ao longo de um ano.

Em 2022, por exemplo, na quinta edição do Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, mapeamos 300 aportes anunciados ou realizados no Estado, pela iniciativa privada ou pelo poder público. E identificamos a cifra total de R\$ 62 bilhões de investimentos no Rio Grande do Sul.

Trata-se de um indicador, que pode ser comparado com os anos anteriores, já que o Anuário já teve cinco edições. E também pode ser analisado regionalmente – quanto cada região teve de investimentos.

Esses casos ilustram a importância estratégica de informações e indicadores para nortear decisões e saber onde estamos e para onde vamos.

Esse também é o objetivo do Mapa Econômico do Rio

Grande do Sul, projeto que está sendo concluído, em sua primeira temporada.

Apresentamos dados dos 497 municípios do Rio Grande do Sul, mostrando o panorama atual das diferentes regiões, mapeamos as principais cadeias produtivas e apresentamos tendências. É um panorama e um retrato do momento com dados e indicadores: ter uma análise atual é fundamental para planejar uma visão de futuro, identificar oportunidades e ver os desafios.

Pensado desde 2022, esse projeto saiu do papel com centenas de entrevistas de empresários, economistas, dirigentes de entidades de classe e gestores públicos. Também teve análise de dados, consulta a relatórios de entidades empresariais e de órgãos governamentais.

A segunda fonte de informação fundamental foi colhida *in loco*, em cinco encontros em diferentes partes do Estado, onde ouvimos lideranças regionais de diferentes setores, sobre desafios e oportunidades para o desenvolvimento econômico. Desta forma, descobrimos as demandas locais para que o Estado possa crescer.

Dividimos o RS em cinco grandes regiões, de acordo com proximidade geográfica e semelhanças econômicas:

- 1 Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste;
- 2 Regiões Central, Vales, Jacuí Centro e Alto Jacuí;
- 3 Regiões Norte, Noroeste

e Missões;

4 Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Caí;

5 Regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Centro-Sul e Litoral.

Os eventos foram realizados em Pelotas (23 de junho), Santa Cruz do Sul (3 de agosto), Passo Fundo (13 de setembro), Caxias do Sul (24 de outubro) e Porto Alegre (20 de novembro).

A cada edição, além do painel regional, publicamos um caderno como este, que circula hoje no JC, com o detalhamento da economia dessas regiões.

Esse é o quinto conteúdo especial da série do Mapa, que fecha o mapeamento do território gaúcho, trazendo indicadores da economia do Rio Grande do Sul.

Este capítulo mostra as principais atividades das regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Litoral e Centro-Sul. É uma parte do Estado que inclui a Capital, onde o setor de serviços passa por grandes transformações puxadas pela inovação. Outro aspecto importante é a mudança na indústria, investindo em avanços ambientais na produção.

Finalmente, cabe observar que a economia está sempre em transformação. Por isso, o trabalho do Mapa Econômico seguirá no próximo ano, mostrando as mudanças nas regiões e, de forma comparativa, trazendo novos indicadores.

Boa leitura e até 2024!

EXPEDIENTE

■ Editor-Chefe:

Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

■ Editor-executivo:

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

■ Editora de Economia:

Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

■ Reportagem:

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

■ Projeto gráfico e diagramação:

Luís Gustavo Van Ondheusden

ÍNDICE

O Mapa Econômico e o desenvolvimento do RS	página 2	Sustentabilidade da petroquímica	página 16
A divisão do Estado em cinco regiões	página 4	Refinaria planeja se tornar mais limpa	página 17
Dados sobre a população e o PIB	páginas 6 e 7	Investimento ambiental em fábrica de celulose	página 18
Inovação puxa a economia de Porto Alegre	página 8	Polo calçadista no Vale do Sinos	página 19
Parques tecnológicos transformam universidades	página 10	A produção agrícola em Camaquã	página 20
Polo de saúde da Capital é referência nacional	página 11	O boom dos condomínios logísticos na RMPA	página 21
Um mapa de oportunidades	páginas 12 e 13	Projetos eólicos no Litoral do Rio Grande do Sul	página 22
Gravataí espera a fabricação de carros elétricos	página 14	Construção civil transforma Capão da Canoa	página 23
Canoas e a força da indústria metalmeccânica	páginas 15	Turismo de negócios em Porto Alegre	página 23

No Mapa
Econômico e Social
do RS, a **Indústria**
é o caminho.

 **São
50 mil**
fábricas em atividade
no Rio Grande do Sul

 **São
800 mil**
pessoas empregadas
diretamente

 **O futuro passa
pela Indústria**



ONDE TEM GENTE, TEM INDÚSTRIA.

FIERGS

 fiergs.org.br

Reportagem Especial

A divisão do Estado em 5 grandes regiões

Mapa Econômico do RS segue critério da Secretaria de Planejamento do Estado

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

A radiografia regionalizada da economia do Rio Grande do Sul é instrumento permanente para pesquisadores, economistas, governos, empresários e potenciais investidores.

Ao completar 90 anos de circulação ininterrupta, o Jornal do Comércio elaborou um mapeamento da economia do Estado em cinco especiais com grandes reportagens.

O quinto, nesta edição, aborda as regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Litoral e Centro-Sul.

As características geográficas, culturais e históricas do Rio Grande do Sul não são uniformes. Por isso, pensar a economia do Estado exige identificar os vários territórios entre os 497 municípios gaúchos, com seus 21,7 mil quilômetros quadrados.

Além disso, radiografar a economia do Rio Grande do Sul de maneira regionalizada,

para que se possa compreender cada característica e potencial local, é uma tarefa permanente.

“O Estado tem, entre as suas atividades econômicas, muitas especialidades bastante distintas entre si. Tratar a análise econômica e todo o planejamento de forma regional é a maneira mais adequada de levarmos em consideração, por exemplo, as vocações locais, que respeitam fatores históricos, climáticos e ambientais, como fluxos populacionais específicos, que condicionam a forma como se deu o desenvolvimento de uma determinada região, e qual a tendência futura”, explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), Rodrigo Feix.

Compreender estas nuances é essencial na elaboração de políticas

de desenvolvimento pelo governo, mas também elemento fundamental para a iniciativa privada em busca de maior eficiência em potenciais investimentos no Rio Grande do Sul.

Em cada região analisada, o mapeamento traz características locais e potencialidades de indústria, agricultura, serviços, varejo e investimentos em infraestrutura. São apresentadas as principais iniciativas em cada um destes setores.

Para a divisão de regiões, foi adotado o critério estabelecido pela Secretaria do Planejamento do Estado, que divide

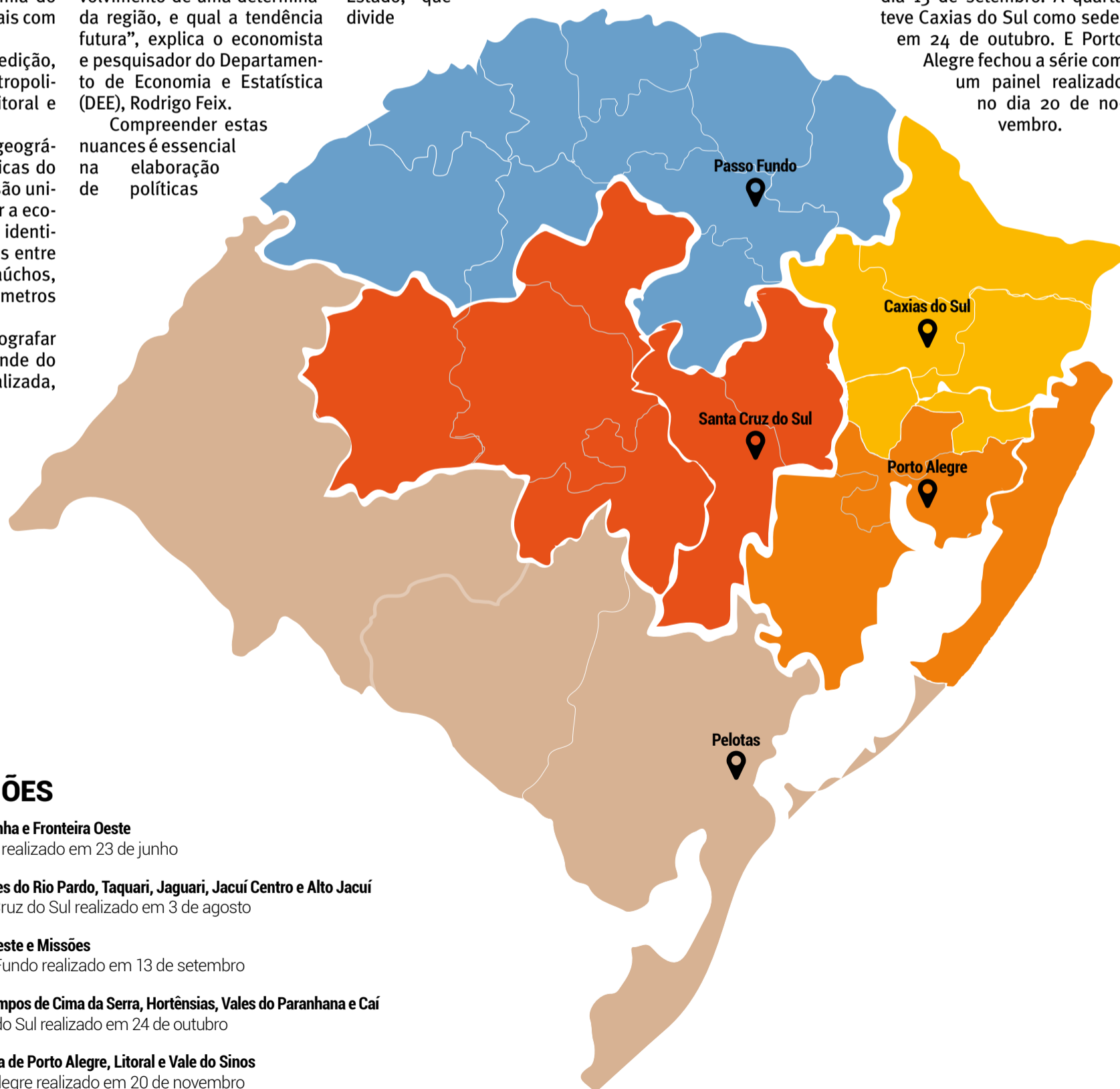
o Rio Grande do Sul em nove regiões funcionais. Elas foram agrupadas em cinco grandes regiões, de acordo com afinidades e proximidade geográfica.

Para o economista Rodrigo Feix, esta forma de organização considera a regionalização “de baixo para cima”, e permite uma melhor percepção das diferenças locais, muitas vezes não perceptíveis a um olhar distante, na economia gaúcha.

“Muitas vezes um movimento leva algum tempo a mais para ser percebido por um mapeamento,

por isso, quando se trata da análise regional, cruzamos diversos aspectos, com tempo de resposta às ações governamentais ou privadas mais curtos ou longos em nossas análises”, explica.

Cada capítulo deste trabalho foi acompanhado de painéis regionais, em que lideranças dos diversos setores foram ouvidas para apontar rumos e desafios. O primeiro encontro ocorreu em 23 de junho, em Pelotas. A segunda edição foi realizada em Santa Cruz do Sul, no dia 3 de agosto. A terceira aconteceu em Passo Fundo, no dia 13 de setembro. A quarta teve Caxias do Sul como sede, em 24 de outubro. E Porto Alegre fechou a série com um painel realizado no dia 20 de novembro.



AS CINCO REGIÕES

- **Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Pelotas realizado em 23 de junho
- **Regiões Central, Vales do Rio Pardo, Taquari, Jaguari, Jacuí Centro e Alto Jacuí**
Evento em Santa Cruz do Sul realizado em 3 de agosto
- **Regiões Norte, Noroeste e Missões**
Evento em Passo Fundo realizado em 13 de setembro
- **Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Cai**
Evento em Caxias do Sul realizado em 24 de outubro
- **Região Metropolitana de Porto Alegre, Litoral e Vale do Sinos**
Evento em Porto Alegre realizado em 20 de novembro



PRESENCIAL
HÍBRIDO
EAD

ESTUDE EM UMA DAS MELHORES UNIVERSIDADES PRIVADAS DO PAÍS

Segundo o Ranking de
Universidades da Folha de S. Paulo

ALÉM DISSO, LÍDER NO RS
ENTRE AS PRIVADAS EM:



ODONTOLOGIA



MEDICINA
MEDICINA VETERINÁRIA
BIOLOGIA
LETRAS



BIOMEDICINA
PEDAGOGIA

INOVAÇÃO EM

MOVI MENTO

VESTIBULAR ULBRA 2024



MATRICULE-SE AGORA

População das regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral

As 10 maiores populações municipais nas 4 regiões

Município	População atual	População em 2010
1. Porto Alegre	1.332.570	1.409.351
2. Canoas	347.657	323.827
3. Gravataí	265.070	255.723
4. Novo Hamburgo	227.732	238.940
5. Viamão	224.116	239.384
6. São Leopoldo	217.410	214.087
7. Alvorada	187.315	195.673
8. Cachoeirinha	136.258	118.278
9. Sapucaia do Sul	132.107	130.957
10. Guaíba	92.924	95.204

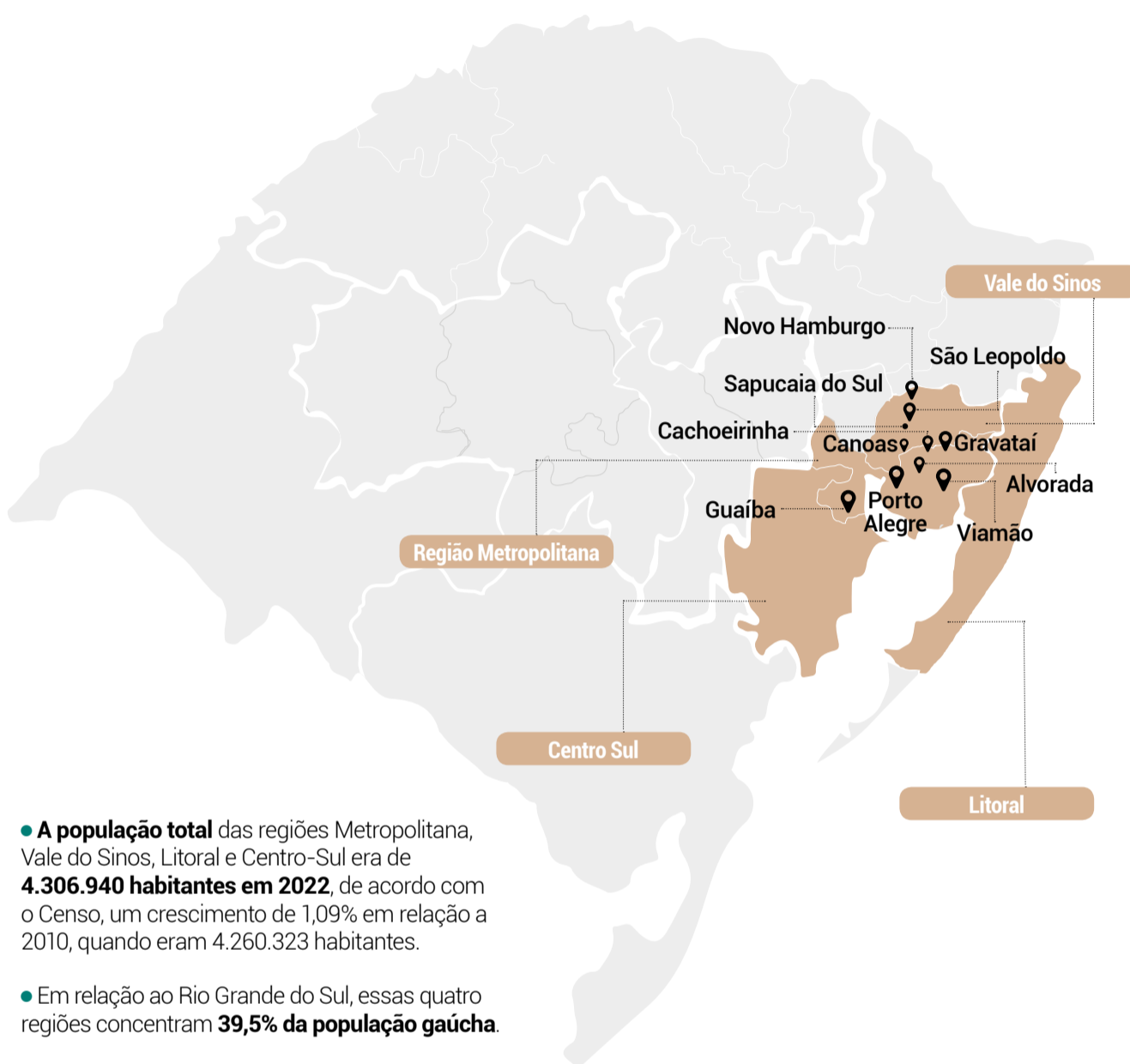
Fonte: IBGE

Região Centro-Sul 245.525 habitantes (queda de 3,13%, em 2010 eram 253.461)

Município	População atual	População em 2010
Camaquã	62.200	62.764
Charqueadas	35.012	35.320
São Jerônimo	21.028	22.134
Butiá	19.084	20.406
Tapes	14.659	16.629
Arroio dos Ratos	14.601	13.606
Dom Feliciano	13.051	14.380
Barra do Ribeiro	12.225	12.572
Cerro Grande do Sul	9.178	10.268
Minas do Leão	7.505	7.631
Cristal	7.299	7.280
Barão do Triunfo	5.889	7.018
Sertão Santana	5.863	5.850
Sentinela do Sul	5.306	5.198
Chuívisca	4.597	4.944
Arambaré	4.112	3.693
Mariana Pimentel	3.916	3.768

Vale do Sinos 1.332.890 habitantes (alta de 3,29%, em 2010 eram 1.290.417)

Município	População atual	População em 2010
Canoas	347.657	323.827
Novo Hamburgo	227.732	238.940
São Leopoldo	217.410	214.087
Sapucaia do Sul	132.107	130.957
Esteio	76.137	80.755
Sapiranga	75.648	72.968
Campo Bom	62.886	62.091
Estância Velha	47.912	42.574
Portão	34.072	30.868
Dois Irmãos	30.709	27.572
Nova Santa Rita	29.024	22.716
Ivoti	22.983	19.874
Nova Hartz	20.088	18.324
Araricá	8.525	4.864



● A população total das regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Litoral e Centro-Sul era de **4.306.940 habitantes em 2022**, de acordo com o Censo, um crescimento de 1,09% em relação a 2010, quando eram 4.260.323 habitantes.

● Em relação ao Rio Grande do Sul, essas quatro regiões concentram **39,5% da população gaúcha**.

● São **62 municípios** na soma de Região Metropolitana (10), Vale do Sinos (14), Litoral (21) e Centro-Sul (17).

● O crescimento populacional mais expressivo se deu **no Litoral**, com alta de mais de 25% na população entre 2010 e 2022. **Capão da Canoa**, a praia mais populosa teve um **acréscimo de 51% na sua população**. Ainda assim, nenhum município do Litoral figura entre os 10 mais populosos dessas 4 regiões. **Porto Alegre perdeu mais de 75 mil pessoas** na sua população.

Região Metropolitana 2.355.910 habitantes (queda de 2,66%, em 2010 eram 2.420.362)

Município	População atual	População em 2010
Porto Alegre	1.332.570	1.409.351
Gravataí	265.070	255.723
Viamão	224.116	239.384
Alvorada	187.315	195.673
Cachoeirinha	136.258	118.278
Guaíba	92.924	95.204
Santo Antônio da Patrulha	42.942	39.722
Eldorado do Sul	39.559	34.343
Triunfo	27.498	25.793
Glorinha	7.658	6.891

Litoral 372.615 habitantes (em 2010 eram 296.083, alta de 25,8%)

Município	População atual	População em 2010
Capão da Canoa	63.594	42.040
Tramandaí	54.387	41.585
Osório	47.400	40.907
Torres	41.751	34.656
Imbé	26.824	17.670
Cidreira	17.071	12.668
Xangri-Lá	16.463	12.434
Balneário Pinhal	14.955	10.856
Palmares do Sul	12.844	10.969
Mostardas	12.090	12.124
Arroio do Sal	11.057	7.740
Três Cachoeiras	10.962	10.217
Terra de Areia	10.286	9.793
Maquiné	7.418	6.989
Caraá	7.360	7.312
Capivari do Sul	3.991	3.890
Mampituba	3.131	3.003
Morrinhos do Sul	3.071	3.182
Três Forquilhas	2.760	2.914
Itati	2.638	2.584
Dom Pedro de Alcântara	2.562	2.550

Regiões concentram mais de 40% do PIB do Rio Grande do Sul

Somado, o Produto Interno Bruto (PIB) das regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Litoral e Centro-Sul é de R\$ 192.849.943.347, o que representa 40,9% do PIB do Rio Grande do Sul. Os dados são de 2020, os mais recentes com recorte municipal. Quem lidera a lista dos maiores PIBs municipais é Porto Alegre, com R\$ 76 bilhões. A Capital concentra, por sinal, o maior Produto Interno Bruto do Estado, que representa 16,15% do total no RS. É seguida por Canoas, Gravataí, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Triunfo e Guaíba, todos municípios próximos a Porto Alegre e industrializados.

Os 10 maiores PIBs municipais nas quatro regiões

1 ▶ Porto Alegre	R\$ 76.074.563.081	<div style="width: 100%;"></div>
2 ▶ Canoas	R\$ 18.466.102.707	<div style="width: 24%;"></div>
3 ▶ Gravataí	R\$ 10.640.983.010	<div style="width: 14%;"></div>
4 ▶ São Leopoldo	R\$ 9.793.530.274	<div style="width: 13%;"></div>
5 ▶ Novo Hamburgo	R\$ 9.282.359.816	<div style="width: 12%;"></div>
6 ▶ Triunfo	R\$ 7.214.240.110	<div style="width: 9%;"></div>
7 ▶ Guaíba	R\$ 5.826.460.006	<div style="width: 7%;"></div>
8 ▶ Cachoeirinha	R\$ 5.638.690.685	<div style="width: 7%;"></div>
9 ▶ Viamão	R\$ 4.231.150.191	<div style="width: 5%;"></div>
10 ▶ Sapucaia do Sul	R\$ 3.493.976.706	<div style="width: 4%;"></div>

Fonte: Secretaria de Planejamento do Estado do RS

Centro-Sul	
R\$ 7.242.334.600 (dados de 2020, representa 1,53% em relação do PIB do RS naquele ano)	
Município	PIB em 2020
Camaquã	R\$ 2.189.270.059
Charqueadas	R\$ 1.284.821.300
São Jerônimo	R\$ 613.339.593
Butiá	R\$ 437.342.847
Tapes	R\$ 420.746.286
Barra do Ribeiro	R\$ 357.540.924
Sertão Santana	R\$ 296.826.578
Dom Feliciano	R\$ 270.278.338
Arroio dos Ratos	R\$ 266.747.871
Minas do Leão	R\$ 199.313.263
Cristal	R\$ 190.470.625
Cerro Grande do Sul	R\$ 168.017.214
Arambaré	R\$ 153.505.566
Barão do Triunfo	R\$ 122.993.939
Chувиска	R\$ 97.330.433
Sentinela do Sul	R\$ 91.784.981
Mariana Pimentel	R\$ 82.004.783

Vale do Sinos	
R\$ 59.250.759.339 (dados de 2020, representa 12,58% em relação do PIB do RS naquele ano)	
Município	PIB em 2020
Canoas	R\$ 18.466.102.707
São Leopoldo	R\$ 9.793.530.274
Novo Hamburgo	R\$ 9.282.359.816
Sapucaia do Sul	R\$ 3.493.976.706
Esteio	R\$ 3.341.531.910
Sapiranga	R\$ 3.183.264.368
Campo Bom	R\$ 3.086.839.079
Dois Irmãos	R\$ 1.948.546.041
Nova Santa Rita	R\$ 1.916.838.482
Estância Velha	R\$ 1.542.697.876
Portão	R\$ 1.309.518.867
Ivoti	R\$ 979.022.025
Nova Hartz	R\$ 702.231.998
Araricá	R\$ 204.299.190

Litoral	
R\$ 10.186.536.961 (dados de 2020, representa 2,16% em relação do PIB do RS naquele ano)	
Município	PIB em 2020
Capão da Canoa	R\$ 1.702.044.882
Osório	R\$ 1.695.496.567
Torres	R\$ 1.242.675.665
Tramandaí	R\$ 1.152.152.451
Xangri-Lá	R\$ 622.136.404
Palmares do Sul	R\$ 565.516.757
Imbé	R\$ 553.506.721
Mostardas	R\$ 427.436.511
Cidreira	R\$ 337.337.643
Três Cachoeiras	R\$ 267.519.066
Capivari do Sul	R\$ 262.048.615
Arroio do Sal	R\$ 257.344.030
Balneário Pinhal	R\$ 255.292.497
Terra de Areia	R\$ 252.458.621
Maquiné	R\$ 153.824.711
Caraá	R\$ 142.555.994
Itati	R\$ 72.408.469
Morrinhos do Sul	R\$ 59.890.132
Três Forquilhas	R\$ 57.843.967
Mampituba	R\$ 53.585.598
Dom Pedro de Alcântara	R\$ 53.461.660

Região Metropolitana	
R\$ 116.170.312.447 (dados de 2020, representa 24,68% em relação do PIB do RS naquele ano)	
Município	PIB em 2020
Porto Alegre	R\$ 76.074.563.081
Gravataí	R\$ 10.640.983.010
Triunfo	R\$ 7.214.240.110
Guaíba	R\$ 5.826.460.006
Cachoeirinha	R\$ 5.638.690.685
Viamão	R\$ 4.231.150.191
Alvorada	R\$ 3.082.951.692
Eldorado do Sul	R\$ 1.782.166.444
Sto. Antônio da Patrulha	R\$ 1.402.886.738
Glorinha	R\$ 276.220.490

Dados sobre o Valor Adicionado Bruto (VAB)

O perfil econômico das regiões é traduzido pelo VAB, que mostra o quanto cada setor contribui dentro do que é produzido

VAB Industrial:

A diversidade do polo metalmeccânico de Canoas é tamanha que costuma se dizer no setor que em 25% do que se produz em metal no Estado há pelo menos uma peça fabricada na cidade. Está em Canoas ainda a Refap, que garante boa parte da arrecadação do município e abastece diversas cadeias produtivas.

VAB Serviços:

Porto Alegre se tornou a capital das soluções, com a inovação tomando a frente nas iniciativas de novos empreendimentos. E este perfil se sobressai em setores como a saúde. A cidade concentra 43% dos médicos do Estado e conta com 34 hospitais e mais de 3 mil clínicas, além de algumas das principais universidades do País.

VAB Agrícola:

Camaquã, no Centro-Sul do Estado, historicamente ocupa as primeiras posições entre os maiores produtores de fumo e arroz do Rio Grande do Sul. E agora, com adaptações no manejo do solo, o município e a região firmam-se com um novo potencial à soja.

10 municípios líderes

1. Canoas	R\$ 6,6 bilhões
2. Porto Alegre	R\$ 5,9 bilhões
3. Gravataí	R\$ 3,8 bilhões
4. Triunfo	R\$ 3,6 bilhões
5. São Leopoldo	R\$ 2 bilhões
6. Novo Hamburgo	R\$ 1,9 bilhão
7. Sapiranga	R\$ 1,4 bilhão
8. Guaíba	R\$ 1,1 bilhão
9. Cachoeirinha	R\$ 1,1 bilhão
10. Campo Bom	R\$ 1 bilhão

10 municípios líderes

1. Porto Alegre	R\$ 60,2 bilhões
2. Canoas	R\$ 9,5 bilhões
3. Novo Hamburgo	R\$ 6,3 bilhões
4. São Leopoldo	R\$ 5,6 bilhões
5. Gravataí	R\$ 5,1 bilhões
6. Cachoeirinha	R\$ 3,5 bilhões
7. Viamão	R\$ 3,1 bilhões
8. Guaíba	R\$ 2,6 bilhões
9. Alvorada	R\$ 2,4 bilhões
10. Sapucaia do Sul	R\$ 2,1 bilhões

10 municípios líderes

1. Camaquã	R\$ 259,1 milhões
2. Mostardas	R\$ 180,6 milhões
3. Viamão	R\$ 127,1 milhões
4. Tapes	R\$ 117,7 milhões
5. Eldorado do Sul	R\$ 116,4 milhões
6. Barra do Ribeiro	R\$ 113,7 milhões
7. Sto. Ant. da Patrulha	R\$ 95 milhões
8. Dom Feliciano	R\$ 92,9 milhões
9. Palmares do Sul	R\$ 86,6 milhões
10. Triunfo	R\$ 84 milhões

Reportagem Especial



TÂNIA MEINERZ/JC

CEO do Instituto Caldeira, Pedro Valério vê multiplicação da inovação em diversos setores da economia

Tecnologia transforma o setor de serviços em Porto Alegre

Soluções para economia sustentável na região são desenvolvidas em centros e parques tecnológicos

Eduardo Torres

A missão é encontrar soluções para seguir produzindo e impulsionando a economia de todo o Estado, mas de maneira cada vez mais limpa, eficiente e sustentável. As regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Litoral e Centro-Sul concentram cerca de 40% do Produto Interno Bruto (PIB) e da população gaúcha.

Entre 62 municípios, o PIB é de R\$ 192,8 bilhões, sendo só em Porto Alegre 39% desse valor. É justamente na Capital que já quase não se enxergam pavilhões de grandes indústrias, e muito menos chaminés que simbolizavam um antigo modelo de produção.

A maior riqueza da Capital está no setor de serviços, com valor adicionado de R\$ 60,2

bilhões, e o papel da cidade, que se expande em direção à Região Metropolitana e ao Vale do Sinos, é o de concentrar a busca de soluções para a nova economia.

O 4º Distrito, que no começo do século XX foi simbólico na primeira transformação industrial da região, agora é mapeado como um dos principais centros mundiais de inovação. As chaminés que se multiplicavam nos primeiros anos do século passado, agora multiplicam-se sob a forma de grandes centros de colaboração.

“Como costumamos dizer, inovação não pode ser uma piscina de bolinhas. Precisa ter empresas competitivas e que geram valor para a economia. Trabalhamos para detectar os desafios para as empresas e, de maneira muito ativa, identificarmos conexões com quem desenvolve soluções. E Porto Alegre é uma cidade que tem multiplicado o espírito de inovação em diversas áreas da economia”, diz Pedro Valério, CEO do Instituto

Caldeira, que é um dos principais hubs de inovação da cidade.

Levantamento de 2021 mostra que haviam sido aportados R\$ 1,2 bilhão em startups no Estado, e mais de 60% delas estavam em Porto Alegre. Conforme o Global Startup Ecosystem Report 2023, a cidade é uma das cinco capitais com ecossistema de inovação mais promissores na América Latina, tendo seis startups de Porto Alegre (3), São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo entre as mais importantes do País em 2023, segundo o ranking Top 100 Open Startups.

O Caldeira é um dos 30 hubs e quatro parques tecnológicos – em breve, serão cinco – mapeados pela prefeitura de Porto Alegre, que colocam a cidade entre os três principais ecossistemas inovadores do País, com estimativa de mil negócios inovadores. Somente no Caldeira, no 4º Distrito, levantamento recente aponta que foram gerados até R\$ 6,5 bilhões em soluções para grandes empresas.

Movimento no 4º Distrito atrai empresas como a Renner

O movimento que acontece hoje no 4º Distrito de Porto Alegre repete algo que já aconteceu na mesma região. “Com o Caldeira, acabamos, assim como um século atrás, tendo a oportunidade de estimular novas empresas e empreendedores em

uma economia renovada e que tem trazido muitos benefícios não somente para nós, mas para todo o ecossistema”, diz o gerente de Inovação Aberta da Lojas Renner, Cesar Brunetto.

Maior varejista de moda do Brasil, a Lojas Renner, assim

com a Tintas Renner, estão entre as 42 empresas que criaram o Caldeira em 2019. Atuam ali, atualmente, 450 empresas e 135 laboratórios de inovação dentro dos 22 mil metros quadrados instalados, e que serão expandidos em 2024.

Ecossistema de inovação ganha data centers na capital gaúcha

O movimento do ecossistema de inovação tem estimulado também um novo perfil de investimentos no 4º Distrito de Porto Alegre. Desde 2022, pelo menos R\$ 900 milhões foram anunciados para as criações de três grandes data centers na região.

O mais recente deles, anunciado pela V.tal, com aporte de R\$ 250 milhões, será um edge data center conectado a uma rede de outros quatro centros do mesmo porte, internacionalmente. Em uma área de 7 mil metros quadrados, serão 6 MW instalados entre 400 racks.

Ainda em 2022, outros dois empreendimentos estavam na agenda. A Scala Data Centers, com investimento de R\$ 250 milhões, pretende criar uma estrutura ainda mais potente, de 7,2 MW.

Potência semelhante ao projeto da Elea Digital, que promete desembolsar R\$ 400 milhões no 4º Distrito para ter o seu segundo data center na Capital. Ao todo, a empresa terá a gestão de 10

MW de potência em bancos de dados. É que data centers são como grande centro de distribuição digital. São estruturas físicas criadas para hospedar aplicativos e dados essenciais. E assim como a indústria criativa atrai grandes investimentos em data centers, eles também movimentam uma nova cadeia de equipamentos para a região.

A gigante dos condicionadores de ar, Midea Carrier, anunciou nova linha de refrigeradores de ar para data centers a ser produzida em sua planta, em Canoas.

O território da inovação

- Porto Alegre tem mais de mil negócios inovadores.
- São mais de 30 hubs, como o Instituto Caldeira, além de parques tecnológicos ligados a universidades na Capital, Região Metropolitana e Vale do Sinos.

Fonte: Prefeitura de Porto Alegre

Empresas crescem no Parque Canoas de Inovação

É no município vizinho à Capital que está instalado o Parque Canoas de Inovação (PCI), projetado para ter a configuração de um parque tecnológico. “Migramos de Porto Alegre para Canoas porque vimos nesse espaço uma oportunidade diferente. Temos a inovação no nosso DNA, mas lá não tínhamos um espaço que comportasse a produção de modo industrial. Estamos em plena operação no PCI há cinco anos”, diz o CEO da Novus, Marcos Dillenburg.

A empresa é uma das três instaladas no local. Somadas, Novus, Exatron e TCS garantem mais de R\$ 200 milhões em faturamento anual e 1,2 mil empregos. Somente a Novus tem capacidade instalada para produzir 400 mil produtos entre controladores e transmissores de automação por ano, com 50% da produção destinada à exportação para até 64 países.

Mas o ambiente vivo de um distrito de inovação, com áreas compartilhadas, incubadoras e startups ainda não existe na área de 250 hectares do PCI. Ainda assim, hoje a Novus investe em três startups que não podem estar dentro do parque. Nos próximos três anos, a empresa tem planos de aumentar a produção em 35%. Pretende atingir essa meta com o desenvolvimento de softwares, inteligência artificial e processos de automação.

Parque Canoas Inovação

- Empresas instaladas: Novus, Exatron e TCS
- Empregos: 1,2 mil vagas de trabalho
- Área: 250 hectares, com expectativa de receber novas empresas e startups

GOVERNO DO ESTADO INVESTE NO DESENVOLVIMENTO DA CAPITAL E REGIÕES METROPOLITANA, LITORAL E VALE DOS SINOS.

O governo do Estado marca sua presença no Mapa Econômico do Rio Grande do Sul. **Com recursos que chegam a mais de R\$ 1,6 bilhão**, diversos municípios recebem investimentos, garantindo à população que suas necessidades sejam atendidas e fazendo a economia girar.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

O futuro nos une.



Reportagem Especial



VINICIUS DALLA ROSA/DIVULGAÇÃO/JC

Multinacional SAP Labs deu início à operação no campus em 2006; atualmente tem 2,2 mil funcionários

Parques tecnológicos no RS transformam universidades

Universidade do Vale do Sinos tem 60 empresas e 50 startups instaladas no campus em São Leopoldo

Eduardo Torres

Há 17 anos, a multinacional desenvolvedora de softwares SAP Labs instalou-se dentro do campus universitário da Unisinos, e lá, em 2006, deu início àquela que seria uma tendência nas duas décadas seguintes em toda a região.

“O conceito de parques tecnológicos nas universidades ainda era algo incipiente no Rio Grande do Sul, e esse tipo de relação é algo que temos nos nossos laboratórios ao redor do mundo, porque precisamos desses talentos. Eu diria que houve uma relação de ganha-ganha com a Unisinos. Nós ajudamos a desenvolver o conceito de polo tecnológico como um espaço para desenvolvimento da pesquisa acadêmica com o ritmo e as necessidades do mercado e eles foram fundamentais na qualidade de formação e talentos que temos aqui”, diz o COO da SAP Labs Latin America, Marcos Rahmeier.

À época, eram 17 funcionários que formavam equipes de desenvolvimento para o Brasil. Hoje, são 2,2 mil pessoas trabalhando nas instalações recém ampliadas da SAP

Labs, com investimento de R\$ 120 milhões. Gente que vem, literalmente, de todo o mundo. São pessoas de 20 nacionalidades nas instalações em São Leopoldo.

“Um dos grandes desafios que ainda temos no Estado para o sermos uma referência mundial em inovação é a evasão de cérebros. O nosso objetivo na SAP é segurar esses talentos e atrair pessoas de outras nacionalidades, com perspectivas diferentes para encontrar as respostas que necessitamos no desenvolvimento de produtos, porque os softwares que desenvolvemos aqui podem ser usados no mundo todo”, explica

o dirigente, e vai além: “Meu sonho é termos entre 40 e 50 nacionalidades aqui dentro do campus. Este, por exemplo, sempre foi um dos diferenciais do Vale do Silício. A atração de diferentes talentos é um fator diferencial na inovação”.

Entre as soluções já desenvolvidas pela SAP Labs em São Leopoldo está o “Agriculture Contract Management”, que é uma ferramenta de gestão para os contratos de compra e venda de commodities como a soja. “O Brasil é um grande exportador de commodities do mundo. Desenvolver soluções eficazes para este ambiente é fundamental”, explica Rahmeier.

Em todo o mundo, a empresa conta com 21 laboratórios de desenvolvimento. A unidade gaúcha é uma das sete consideradas hubs. Neste caso, centraliza as soluções e o atendimento a clientes de toda a América Latina.

Saem dali produtos criativos em mais de 50 linhas de negócios. E há uma expansão no horizonte. O objetivo, de acordo com o diretor, é dobrar o número de funcionários no laboratório até 2027.

A SAP Labs é uma das 60 empresas consolidadas e 50 startups instaladas no Tecnosinos. Somadas, estima a direção do parque, essas empresas geram até R\$ 2,5 bilhões de faturamento anual.

Os parques tecnológicos na Região Metropolitana e Vale do Sinos

- **Tecnopuc** (Porto Alegre e Viamão)
- **Tecnosinos** (São Leopoldo e Porto Alegre)
- **Ulbratech** (Canoas e Guaíba)
- **Feevale Techpark** (Novo Hamburgo, Campo Bom e Porto Alegre)
- **Zenit** (Porto Alegre)
- **Parque Canoas de Inovação** (Canoas)

Pioneiro, Tecnopuc começou com grandes empresas

O caminho para ultrapassar barreiras físicas dos parques tecnológicos, mas não se tornar uma relação meramente online, é desafio do Tecnopuc nos próximos anos. A Pucrs investe R\$ 15 milhões na transformação do parque em polo tecnológico híbrido.

“O conceito do parque tecnológico pressupõe a interação, com colaboração e trocas para desenvolver inovação, então, não se trata de digitalização dos serviços, mas de ter todos dentro, de fato, do ecossistema, mesmo sem estarem dentro do nosso espaço físico. Temos desenvolvido uma plataforma específica e já temos, por exemplo, uma startup nos Estados Unidos que faz parte do nosso ecossistema. A lógica é identificar valores e integrá-los de forma remota, com uma conexão global”, explica a gestora de Operações

e Empreendedorismo do Tecnopuc, Flávia Fiorin.

O Parque Científico e Tecnológico da Pucrs é considerado o embrião do movimento de inovação de Porto Alegre, que culminou com a realização do South Summit, que atrai investidores internacionais à capital gaúcha.

Atualmente, o Tecnopuc tem 250 empresas residentes – metade em desenvolvimento –, com fluxo de 6,5 mil pessoas. “Há 20 anos, este era um movimento que vinha das grandes empresas. Hoje, estamos vivendo a quarta revolução econômica, com startups ocupando um papel importante”, observa Flávia, citando ainda a relação com players consolidados. Dois exemplos são as aquisições da DB Server pelo Grupo Randoncorp e da desenvolvedora de games Aquiris pela gigante Epic Games.

Ulbratech é exemplo de parque tecnológico descentralizado

Em Canoas, o Ulbratech, parque tecnológico da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) criado em 2012, agora experimenta um passo adiante como um ambiente de inovação, não limitado à territorialidade do parque.

“Temos hoje um programa de incubação para atender a todo o Brasil a partir das nossas unidades da universidade. Nossa capilaridade, com oito campi no Estado e quatro fora, é um diferencial. Hoje, podemos desenvolver uma empresa em qualquer desses pontos,

conectada ao parque”, explica o gestor do Ulbratech, Alexandre Stroher.

Atualmente, são oito empresas residentes em diferentes períodos de incubação no complexo instalado na universidade em Canoas, e há uma janela aberta no mercado.

“Por exemplo, nada impede que tenhamos uma empresa inovadora no setor agrícola aqui em Canoas fornecendo soluções para Itumbiara, em Goiás, onde também estamos presentes”, aponta Stroher.

MARCELO G. RIBEIRO/ARQUIVO/JC



Complexo tecnológico em Canoas se conecta a outros campi

Reportagem Especial

Polo de saúde de Porto Alegre é referência nacional

Setor de serviços se destaca na economia da capital gaúcha

Imagine que uma população superior a 415 dos 497 municípios gaúchos circule diariamente dentro de um mesmo complexo. As 25 mil pessoas que a cada dia estão entre os corredores dos oito hospitais da Santa Casa de Misericórdia, no Centro de Porto Alegre, são uma amostra do tamanho da importância do polo de saúde da Capital.

A saúde é um dos principais fatores que fazem de Porto Alegre uma referência no setor de serviços na economia gaúcha. A cidade, ao lado de Curitiba, é considerada um dos principais polos de saúde do Sul do Brasil.

Porto Alegre tem 34 hospitais e, conforme o Sindicato dos Hospitais e Clínicas de Porto Alegre (Sindihospa), mais de 3 mil clínicas médicas.

Além disso, a Região Metropolitana concentra seis escolas de Medicina – todas figurando entre as principais do País – com mais de 600 novas vagas para futuros médicos a cada ano.

Boa parte dessa movimentação acontece no complexo hospitalar mais antigo de Porto Alegre, fundado em 1803. Entre os oito hospitais atuais, há atendimentos de referência em oncologia, cardiologia, neurologia, pneumologia e em transplantes. E 70% dos atendimentos são feitos pelo SUS.

O resultado é a atração de

pacientes de praticamente todas as regiões do Estado e de todos os estados do Brasil. A casa para familiares Madre Ana, usada para a hospedagem de acompanhantes dos “turistas” da saúde, por exemplo, está sempre com lotação esgotada.

“Não é uma exclusividade da Santa Casa. Temos um ecossistema em Porto Alegre que é referência nacional. Quando um hospital melhora, estimula todos os outros a também melhorarem e atrai novos investimentos privados para aproveitar essa qualidade dos profissionais e atualização permanente de pesquisa e tecnologia que temos aqui”, aponta o diretor médico da Santa Casa, Antônio Kalil.

Estão em Porto Alegre 7 entre os 100 melhores hospitais do Brasil – Moinhos de Vento, Mãe de Deus, Divina Providência, Santa Casa, Hospital de Clínicas, São Lucas e Conceição –, conforme o World’s Best Hospitals 2023, que consulta 80 mil médicos do mundo. Entre as capitais, Porto Alegre só fica atrás de São Paulo, com 25, no número de hospitais entre os melhores do País.

O Moinhos de Vento é o único hospital brasileiro fora da capital paulista que está entre os 20 melhor avaliados no mundo e o terceiro no Brasil. A instituição, que investe neste ano mais de R\$ 100 milhões em um novo centro cirúrgico e em novos leitos de UTI, opera quatro diferentes plataformas de cirurgia robótica, por exemplo.



Complexo da Santa Casa reúne oito hospitais em Porto Alegre; movimento diário é de 25 mil pessoas

O mapa da saúde

- Porto Alegre tem uma rede de 34 hospitais e 3.040 clínicas médicas
- 43% dos 33.630 médicos registrados no Rio Grande do Sul estão em Porto Alegre
- Nos últimos 20 anos, quadruplicou o número de médicos registrados a cada ano pelo Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (Cremers), saltando de 730 em 2002 para 2.750 em 2022

Cursos de Medicina na Região Metropolitana

- O Rio Grande do Sul tem 6% dos cursos de Medicina do País. Na Região Metropolitana de Porto Alegre, são 6 faculdades, que oferecem, anualmente, 626 novas vagas.
- ▶ Pucrs (Porto Alegre)
 - ▶ Ufcsa (Porto Alegre)
 - ▶ Ufrgs (Porto Alegre)
 - ▶ Unisinos (São Leopoldo)
 - ▶ Feevale (Novo Hamburgo)
 - ▶ Ulbra (Canoas)

Fonte: Cremers

Hospitais de Porto Alegre entre os 100 melhores do Brasil

- ▶ Moinhos de Vento (3º)
- ▶ Mãe de Deus (7º)
- ▶ Divina Providência (40º)
- ▶ Santa Casa de Misericórdia (56º)
- ▶ Hospital de Clínicas (78º)
- ▶ São Lucas (81º)
- ▶ Hospital Conceição (89º)

Fonte: World’s Best Hospitals 2023

Inovação também chega nos hospitais e na academia

A Santa Casa de Porto Alegre foi a instituição escolhida para colocar em prática o projeto desenvolvido pela Procempa, em parceria com o Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), com o uso de inteligência artificial para o diagnóstico precoce de tumores de pulmão e mama. “É possível antecipar em até 6 anos um diagnóstico, ou forma como o tumor poderá evoluir”, conta o diretor

médico da Santa Casa, Antônio Kalil. “Hoje temos em Porto Alegre uma estrutura de saúde comparável a São Paulo”, avalia.

Na academia está um novo perfil: até 30% dos novos alunos de Medicina já entram na universidade com a inovação como objetivo. Porto Alegre oferece redução de ISS (Imposto Sobre Serviços) de 5% para 2% para empresas que atuem com inovação em saúde.

No Tecnopuc, o hub de saúde, inaugurado há quatro anos, é o que tem o maior número de operações. Na Santa Casa, há 16 projetos de startups em desenvolvimento. O hospital tem ainda o centro de cirurgia robótica.

Porto Alegre ainda é considerada uma das melhores cidades para se investir em saúde, pelo envelhecimento da população e pela alta qualidade de profissionais e da pesquisa.



A gente faz muito, porque faz junto.

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul está construindo o futuro, a evolução, o desenvolvimento: da profissão, das pessoas, de um mundo melhor. E tudo isso só é possível porque é construído sempre a muitas mãos.

Acompanhe-nos nas redes sociais:

@crea.gaucho /creagaucha /creagaucha

www.crea-rs.org.br



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

PANORAMA

Mapa aponta oportunidades para as regiões Metropolitana, Litoral, Vale do Sinos e Centro-Sul

Eduardo Torres

Conheça 15 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento econômico dessa parte do Rio Grande do Sul

1. CENTRO DA INOVAÇÃO DO ESTADO



Com uma economia cada vez mais distante do cenário de grandes indústrias, Porto Alegre lidera um movimento de busca de soluções, e multiplica espaços com centros e parques tecnológicos de inovação aberta. A prefeitura de Porto Alegre contabiliza em torno de mil negócios inovadores na cidade. Na região, são mais de 30 hubs e parques tecnológicos, com destaque para Tecnopuc, Tecnosinos, Ulbratech, Feevale Techpark, Zenit, Instituto Caldeira e Parque Canoas de Inovação.

2. UM DOS MAIORES POLOS DE SAÚDE DO PAÍS



Porto Alegre tem uma rede de mais de 3 mil clínicas médicas e 34 hospitais, tendo 7 instituições entre as 100 melhores do País e uma entre as 20 melhores do mundo. Entre a Capital e as cidades próximas estão algumas das principais escolas de Medicina do Brasil. Porto Alegre concentra mais de 40% dos médicos do Rio Grande do Sul e está entre os dois maiores polos de saúde do Sul do Brasil, sendo uma das principais cidades com potencial para investimentos nessa área.

3. INDÚSTRIA METALMECÂNICA E AUTOMOTIVA



Quando o Complexo Automotivo da General Motors iniciou sua produção em Gravataí, 23 anos atrás, transformou a economia local e fortaleceu um movimento que havia iniciado décadas atrás, com a migração das grandes indústrias dos setores metalmeccânico e automotivo para os recém criados distritos industriais. Agora, com movimentos como a atração de uma fabricante de aviões a Guaíba, o chão de fábrica também é movido por inovação.

4. DO PETRÓLEO À REFINARIA



O conjunto formado entre o Terminal Petrolífero de Tramandaí e a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), em Canoas, garante boa parte da riqueza da região. Com capacidade de até 32 mil metros cúbicos de petróleo processado por dia, a Refap garantiu a Canoas arrecadação de R\$ 1,7 bilhão de ICMS em 2022, ou 82% de toda receita industrial da cidade. A oportunidade está no avanço de projetos para "limpar" a produção da refinaria. A Petrobras anunciou um pacote de medidas que chegará a R\$ 1,2 bilhão em cinco anos para que a Refap lance menos poluentes na atmosfera e produza diesel com maior percentual de matérias-primas renováveis, reduzindo o impacto ambiental.

5. PETROQUÍMICA, PLÁSTICO VERDE E A INDÚSTRIA QUÍMICA



Abastecido pela Refap, o Polo Petroquímico de Triunfo tem uma indústria que investe cada vez mais em produtos sustentáveis e tecnologia limpa. Está no complexo, por exemplo, na Braskem, a única planta de produção de eteno verde, a partir de matéria-prima 100% renovável, do mundo. É o chamado plástico verde. A indústria química, de borracha e plástico também está presente em municípios próximos, como Porto Alegre, Gravataí, Cachoeirinha, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom, Portão e Canoas.

6. INDÚSTRIA DE CELULOSE E FLORESTAS PLANTADAS



A multinacional chilena CMPC tem, em Guaíba, a planta que garante 50% de toda a sua produção de celulose. É considerada a maior indústria do Rio Grande do Sul e representa uma oportunidade para uma cadeia de fornecedores, que chegam a 540 no Rio Grande do Sul. A operação também demanda florestas plantadas, abrangendo dezenas de municípios gaúchos. O cenário futuro prevê a ampliação da produção, a partir de investimento de R\$ 2,75 bilhões, com melhorias ambientais. A capacidade atual, que é de 2 milhões de toneladas de celulose por ano, será ampliada em 350 mil toneladas/ano. O complexo em Guaíba também fabrica papel.

7. VALE DO SINOS E A TRADIÇÃO COUREIRO-CALÇADISTA



A rastreabilidade e a garantia de processos industriais sustentáveis na trilha do couro à produção de um calçado cada vez mais fazem a diferença na prateleira. A tradição da região do Vale do Sinos ganha o traço da responsabilidade ambiental para seguir ocupando o posto de um dos três maiores núcleos calçadistas brasileiros.



8. ALIMENTOS E BEBIDAS CONQUISTAM MERCADOS

A proximidade com o maior centro consumidor do Estado é um fator na multiplicação de indústrias alimentícias em ramos como o de pães e massas. A produção está ganhando o mercado nacional. O setor de bebidas também é relevante, com unidades da Femsa (Coca-Cola) em Porto Alegre e Ambev em Sapucaia do Sul (Pepsi) e Viamão (cerveja).



9. ARROZ COM SELO DE PROCEDÊNCIA

Conforme o Irga, pelo menos 25% de todo o arroz produzido no Rio Grande do Sul está entre as planícies costeiras interna e externa, em relação à Lagoa dos Patos, e elas representam dois potenciais da região na produção do grão. Do lado interno, estão algumas das maiores produções do Estado, do externo, no Litoral, o arroz com selo de indicação de procedência, reconhecido como o de melhor qualidade do Estado.

10. DO FUMO À EXPANSÃO DA SOJA

Conforme a Afubra, a região Centro-Sul concentra parte do segundo maior polo produtor de fumo do Estado, e Camaquã está no centro desta produção, assim como do avanço da soja com grande eficiência no plantio. Entre o Centro-Sul e o Litoral, as culturas são diversas e as melhorias no manejo do solo garantem uma boa oportunidade de novos negócios.

11. O BOOM DA LOGÍSTICA

A Região Metropolitana é o centro das atenções de quem investe no e-commerce, que viveu seu boom durante a pandemia. A região é também o palco do avanço no novo perfil do varejo, com os atacarejos, e com a multiplicação das lojas multiplataformas. Todo este movimento exige cada vez mais proximidade entre o consumidor final e os depósitos de mercadorias. É o cenário ideal para a multiplicação dos centros e condomínios logísticos na região.

12. SANEAMENTO, PORTOS E AEROPORTO DA CAPITAL

Com a meta de universalizar o tratamento de esgoto na Região Metropolitana até 2031, a PPP entre Corsan e Ambiental Metrosul garante um dos principais investimentos em infraestrutura na região. Os próprios rios transportam riquezas. Entre os rios Gravataí, Sinos, Caí, o Lago Guaíba e a Lagoa dos Patos, há uma rede de hidrovias com mais de 400 quilômetros, fundamental para escoar produtos industriais da região à exportação, a partir de Rio Grande. O potencial tem atraído investimentos como os projetos para um novo porto em Guaíba, e um porto marítimo em Arroio do Sal, no Litoral Norte. A região ainda tem o aeroporto de Porto Alegre, o principal do RS.

13. OS NOVOS VENTOS QUE FAVORECEM O LITORAL

Desde que foi instalado em Osório o primeiro parque eólico do Estado, em 2005, o empreendimento possibilitou uma transformação na economia local. Há parques eólicos em operação em Tramandaí, Osório, Palmares do Sul, Xangri-Lá e, para além do Litoral, em Viamão. Agora, a região do Litoral é uma das mais privilegiadas na onda de novos projetos bilionários para as instalações de parques eólicos na terra e no mar.

14. CONSTRUÇÃO CIVIL NO LITORAL E CAPITAL

Com o fim do embargo a novos projetos habitacionais nos principais municípios do Litoral, a perspectiva é de que a região, que registrou a maior taxa de crescimento populacional do Estado, com 25,8%, entre os censos de 2010 e 2022, seja o principal campo de oportunidade para empreendimentos residenciais e de serviços, como educação e saúde. O mercado também está aquecido em Porto Alegre, com aceleração de licenciamentos e muitos projetos imobiliários em construção em áreas nobres.

15. TURISMO REFORÇA O NOVO PERFIL DA ECONOMIA DA REGIÃO

Porto Alegre está entre os três principais destinos do País para eventos, congressos e negócios. A lição de casa que a cidade começa a cumprir e tem a oportunidade de aprimorar está na qualidade das atrações que garantam a permanência deste turista por mais tempo na região. Um esforço que inclui roteiros de lazer inclusive fora da Capital.

Indústria

Gravataí espera fabricação de carros elétricos na General Motors

Complexo industrial no município é a maior referência do setor automotivo no RS

Eduardo Torres

A maior referência do setor automotivo do Rio Grande do Sul está em Gravataí. A cidade recebeu há duas décadas, um investimento que revolucionou a economia local. Anunciado em 1997, o Complexo Industrial Automotivo de Gravataí (Ciag), inaugurado em 2000 com a fábrica da General Motors (GM) no centro da produção, tem hoje outras 13 empresas sistematizadas.

Naquele ano, o PIB de Gravataí era de R\$ 1,5 bilhão, e representava a 12ª maior economia do Rio Grande do Sul. Passados 20 anos, em 2020, o PIB passou a R\$ 10,6 bilhões, sete vezes

mais, colocando Gravataí como 4ª maior economia do Rio Grande do Sul, com um VAB Industrial de R\$ 3,7 bilhões (seis vezes maior do que em 2000). Há dúvidas no futuro da indústria automobilística nacional, uma oportunidade que Gravataí quer aproveitar.

“Em 10 anos, a produção da GM deverá ser de carros elétricos. A nossa espera é que a montadora faça essa transição em Gravataí, pela modernidade dessa planta industrial. Temos sido muito parceiros da empresa para que ela mantenha a sua produção aqui, mesmo com desigualdades fiscais predatórias no Nordeste, por exemplo”, explica o prefeito Luiz Zaffalon.

No começo deste ano, a produção de um Onix marcou a fabricação de 4,5 milhões de carros em 23 anos de operação em Gravataí, no entanto, o cenário



Instalada em 2000, montadora de carros da General Motors revolucionou a economia de Gravataí

é de incertezas em todo o setor automobilístico brasileiro.

“A GM responde por 45% da nossa arrecadação. Ao longo dos anos, temos aprendido caminhos para driblar a ‘GM dependência’. Um deles é proporcionar condições para outros setores produtivos, como os investimentos em inovação e a estruturação de um novo loteamento industrial, inclusive, em uma área que é do município

dentro do complexo da GM, para pequenas e médias empresas. Outro caminho é gastar menos do que se arrecada”, diz o prefeito de Gravataí.

A planta na Região Metropolitana ainda é considerada uma das mais modernas no mundo, tendo aportado R\$ 1,4 bilhão no último ciclo de investimentos no Estado, entre 2017 e 2019. Desde então, houve o período de pandemia e o enfraquecimento

das vendas de automóveis.

Durante este ano, por exemplo, o complexo, com 5 mil operários, parou de produzir duas vezes. Desde o começo do ano passado, o município já perdeu R\$ 50 milhões em arrecadação pelo fator GM. Entre as 20 maiores economias do Estado, Gravataí foi a que teve maior percentual de queda no rateio do retorno de ICMS neste ano, de 23,8%.

Aços especiais serão feitos para a indústria automobilística

Se ainda não há certeza de que a produção de carros elétricos acontecerá em Gravataí, na região Centro-Sul do Estado, a Usina Charqueadas, da Gerdau, é a prioridade no plano de investimentos de R\$ 250 milhões da empresa no Rio Grande do Sul neste ano, justamente em um projeto de modernização da produção de aços especiais para a indústria automobilística.

De acordo com o CEO da

Gerdau, Gustavo Werneck, a fábrica produzirá aços especiais, mais limpos e resistentes, adequados à fabricação de carros, ônibus e caminhões híbridos e elétricos. São produzidas 450 mil toneladas de aços especiais na unidade de Charqueadas da Gerdau. A produção responde por quase 80% de toda a arrecadação de ICMS industrial do município.

A gigante do setor siderúrgico foi mais uma indústria que

surgiu na Zona Norte de Porto Alegre do começo do século XX e migrou para as cidades próximas. Primeiro, na siderúrgica Riograndense, em Sapucaia do Sul, e desde 1992, assumindo a até então estatal, chamada de Piratini, em Charqueadas. São as duas unidades produtivas da Gerdau no Estado. Da fábrica de pregos em 1901, a multinacional fechou 2022 com receita líquida recorde de R\$ 82,4 bilhões.



Usina em Charqueadas recebe maior parte do investimento de R\$ 250 milhões da Gerdau no RS em 2023

Polo metalúrgico tem empresas importantes em São Leopoldo

O desenvolvimento das indústrias metalúrgicas e de maquinário também chegou ao Vale do Sinos. Foi lá que, em 1973, a partir de um galpão no centro da cidade, a Stihl iniciou a sua produção no Brasil e hoje, 50 anos depois, é consolidada como uma exportadora de tecnologia desenvolvida em São Leopoldo.

A empresa fechou o ano passado com R\$ 3,2 bilhões de faturamento e um aumento de 45% nas suas exportações entre 2020 e 2022.

Ao lado da fabricante de armamentos Taurus, a produtora de peças, ferramentas e máquinas respondeu por 80% das exportações do município do Vale do Sinos entre janeiro e outubro deste ano. São Leopoldo é o 11º município no volume

de vendas ao exterior no Rio Grande do Sul.

Um índice que se consolidou especialmente nos últimos anos, quando a Taurus, que já havia migrado parcialmente a sua produção de Porto Alegre para São Leopoldo na década de 1970, transferiu toda a sua planta industrial para o distrito em que está instalada, em 2015.

Somadas, as duas empresas investiram mais de R\$ 400 milhões até o ano passado em ampliações nas suas plantas industriais e na produção. Não à toa, São Leopoldo tem o quarto maior PIB entre as regiões retratadas neste Mapa Econômico e firma-se entre as 10 maiores economias do Estado, tendo trocado de posição com a vizinha Novo Hamburgo a partir de 2018.

Indústria

Canoas concentra 400 empresas do setor metalmeccânico

Tecnologia é aplicada no chão de fábrica no município; Alvorada também deve ter indústria

Se a inovação avança a partir dos diversos polos tecnológicos entre Porto Alegre e a Região Metropolitana, a indústria pesada, que no último século migrou da Capital para cidades vizinhas com o crescimento populacional, também se beneficia e aumenta sua relevância produzindo com processos mais modernos.

Para produzir tratores em Canoas, o mundo virtual já é realidade na fábrica da AGCO. É neste universo que começa o desenvolvimento de novas peças para processos produtivos. Depois, os protótipos viram impressões em 3D e, se comprovada a sua funcionalidade, aí sim, o metal entra em cena, representando economia de materiais e maior sustentabilidade no processo de produção.

“É uma tecnologia desenvolvida na fábrica de Canoas e disseminada entre as demais unidades da empresa”, conta o vice-presidente de Operações de Manufatura AGCO América do Sul, Fernando Nogueira.

No chão da fábrica, por exemplo, os operários hoje convivem com robôs, os chamados Cobots, igualmente desenvolvidos dentro da AGCO, com o diferencial de serem colaborativos. Os Cobots aprendem com a interação com humanos nos processos de usinagem e solda a laser.

Somente em Canoas, são contabilizadas 400 empresas no setor metalmeccânico. A diversificação é tamanha na cidade que tem o 2º maior PIB entre as regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Litoral Norte e Centro Sul – com o maior VAB industrial –, que há estimativas de que até 25% do que é produzido em metal no Estado tem pelo menos uma peça produzida em Canoas.

A estimativa do governo

municipal é de que o setor responde por pouco menos de 20% da arrecadação. A fabricante de tratores tem na cidade uma das suas cinco maiores fábricas do mundo. Herança da década de 1950, quando uma distribuidora de automóveis comprou um terreno no bairro Industrial ao ceber o movimento que a economia regional fazia na época.

Havia valorização de áreas nos arredores de Porto Alegre, com a urbanização da Capital empurrando indústrias instaladas na Zona Norte para o entorno da cidade. Em pouco tempo, máquinas agrícolas eram produzidas ali naquela nova indústria.

Com 1,4 mil funcionários nesta unidade, a AGCO fabrica em Canoas tratores de potência até 145hp das marcas Massey Ferguson e Valtra. A empresa tem um projeto para migrar ou expandir seu parque industrial para uma nova área na cidade.

O resultado da produção da AGCO é visto nos números de

exportações de Canoas. O município foi o 14º no Estado com maior volume de vendas para o exterior, e 56% destes produtos eram tratores e componentes automotivos.

O movimento de migração das indústrias pesadas para a Região Metropolitana, especialmente entre as décadas de 1970 e 1990, transformou os cenários em Gravataí e Cachoeirinha.

Agora, Alvorada, que hoje tem apenas 4% da arrecadação do ICMS industrial ligado à metalurgia e fabricação de máquinas e equipamentos, pode viver um desenvolvimento industrial.

A Fundição Ciron, maior empresa de fundição do Estado e fornecedora para a produção de máquinas agrícolas no RS, está em processo de licenciamento ambiental para instalar no município uma planta com capacidade para produzir até 7 mil toneladas de aço por mês, gerando até 600 empregos, com investimento de R\$ 200 milhões.

A força industrial na Região Metropolitana

▶ O setor metalmeccânico de Canoas é considerado o segundo mais importante do Estado, com até 400 empresas do setor em operação no município.

▶ Os distritos industriais de Gravataí e Cachoeirinha têm 100% de ocupação, a partir da industrialização que migrou da Capital.

▶ O Complexo Automotivo da GM, em Gravataí, já produziu 4,5 milhões de carros e responde por 45% da arrecadação do município.

Os destaques do setor metalmeccânico e automotivo

- General Motors (Gravataí)
- Gerdau (Sapucaia e Charqueadas)
- TK Elevadores (Guaíba)
- AGCO (Canoas)
- Midea (Canoas)
- Arcelor Mital (Glorinha)
- Taurus (São Leopoldo)
- Stihl (São Leopoldo)
- Panatlântica (Gravataí)
- Digicon (Gravataí)
- Mundial (Gravataí)
- Mahindra (Dois Irmãos)






A CASA DAS CDLS GAÚCHAS, A VOZ DOS LOJISTAS DO RIO GRANDE!







A **Federação Varejista do RS** é a voz dos lojistas do Rio Grande do Sul. Como legítima representante do **Sistema CNDL/SPC Brasil** no estado, unimos forças com mais de 90 entidades em cerca de 100 cidades gaúchas.

Abraçamos a inovação, apoiamos jovens empreendedores e fortalecemos o papel da mulher no mundo dos negócios.

Juntos, estamos forjando uma nova história para o comércio gaúcho. É hora de você fazer parte dela! Traga a sua entidade para o **SPC Brasil**. Associe-se à **Federação Varejista do RS** e faça parte desta jornada de sucesso.




[@federacaovarejistadors](https://www.facebook.com/federacaovarejistadors)

[federacaovarejista.com.br](https://www.federacaovarejista.com.br)

Indústria Petroquímica

Sustentabilidade passa pelo plástico verde *made in RS*



JEFFERSON BERNARDES/AGÊNCIA PREVIEW/DIVULGAÇÃO/JC

Centro de Tecnologia e Inovação da Braskem busca melhorias ambientais nos produtos fabricados no Polo

Polo de Triunfo produz eteno verde e pode estimular plantio de cana-de-açúcar no RS

Eduardo Torres

Já imaginou uma plantação de cana-de-açúcar entre máquinas e processos industriais do Polo Petroquímico de Triunfo? Pode parecer estranho, mas fazia parte dos primeiros passos de pesquisadores da Braskem, em 2008, no projeto que colocaria a planta da empresa no protagonismo mundial da indústria química sustentável.

A comprovação de que o eteno verde, criado a partir daquela cana-de-açúcar, portanto, 100% renovável, poderia ser processado em polietileno verde (plástico verde) aconteceu em 2010.

“Ainda é a única planta com essas características no mundo. Estamos na vanguarda, com a produção e as vendas do eteno verde em crescimento, mas também poderemos nos tornar, em breve, exportadores de tecnologia. Há interesse na instalação de plantas de produção de eteno verde como a nossa em outros lugares do planeta”, conta o gerente de Relações Institucionais da Braskem, Daniel Fleischer.

Para que se tenha uma ideia, cada tonelada da resina de eteno verde remove 3 toneladas de CO₂ da atmosfera.

Desde o início da operação a pleno da planta do plástico verde, quase 4 milhões de toneladas de CO₂ deixaram de ser lançadas na atmosfera.

“São mais de 200 marcas que hoje têm o eteno verde produzido no Rio Grande do Sul na base dos seus produtos: Tetrapak, Johnson & Johnson”, exemplifica Fleischer. Recentemente, a empresa finalizou investimento de R\$ 450 milhões que ampliou a capacidade de produção do eteno verde, saltando de 200 mil para 260 mil toneladas do produto por ano.

E a produção segue com capacidade plena e com destino, em boa parte, internacional. É uma demanda alta em lugares como Japão e países europeus.

A meta da empresa é arrojada. Dentro da política de descarbonização, pretende chegar a 1 milhão de toneladas de eteno verde produzidas por ano em 2030, mas sem novos investimentos previstos na planta gaúcha. Há pelo menos uma parceria internacional já firmada para uma planta de eteno verde na Tailândia.

Mas a produção de resinas a partir de matéria-prima 100% renovável ainda não representa a maior parte da produção na indústria química que assumiu o complexo industrial da antiga Copesul em 2007.

A cada ano, a planta industrial da Braskem tem capacidade para produzir 5 milhões de toneladas de produtos

químicos. O principal destes produtos são as resinas termoplásticas (que dão origem ao plástico tradicional), representando uma capacidade instalada de 2 milhões de toneladas ao ano.

Não se trata de uma produção isolada, mas de um polo. Além da Braskem, outras cinco indústrias operam no complexo de Triunfo: Arlanxeo, GS Inima Brasil, Innova, Oxiten e White Martins.

Ao todo, são 8,3 mil pessoas trabalhando no Polo Petroquímico gaúcho. Ou 30% da população do município, que tem um dos maiores PIBs do Estado, de R\$ 7,2 bilhões. O polo garante 95% da arrecadação de ICMS industrial de Triunfo e faz do município o 6º maior exportador do Rio Grande do Sul em 2023.

A produção dentro do Polo Petroquímico é em cadeia. A primeira etapa deste processo passa pelo caminho da nafta, matéria-prima derivada do petróleo, do terminal da Petrobras em Tramandaí, indo por dutos com mais de 120 quilômetros até a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), em Canoas, onde é armazenado e redirecionado por 60 km de dutos até Triunfo.

No Polo Petroquímico, a nafta é processada e depois transformada em resinas pelas indústrias do complexo de Triunfo. A cadeia tem sequência com 1,3 mil empresas somente no Rio Grande do Sul.

Importação e desequilíbrio na tributação desafiam indústria

Um desafio para a cadeia petroquímica gaúcha é o desequilíbrio fiscal na importação de polietileno e polipropileno dos Estados Unidos e Arábia Saudita, especialmente a partir da Zona Franca de Manaus, e que acaba fornecendo matéria-prima inclusive para as empresas que hoje estão dentro do Polo Petroquímico de Triunfo.

Para que se tenha uma ideia, depois de registrar um faturamento de R\$ 2,1 bilhões em 2021, a Braskem viu os números desabarem para R\$ 985 milhões no ano passado e a perspectiva é de redução ainda maior em 2023.

“Estamos produzindo a maior parte do ano com apenas 60% da nossa capacidade. Há uma desigualdade fiscal e no custo da produção. Nos Estados Unidos, por exemplo, a base para gerar as resinas não é a nafta, mas o xisto, que é mais barato”, explica o gerente de Relações Institucionais da Braskem, Daniel Fleischer.

O processo de produção do eteno verde é semelhante, com a diferença da origem da produção da matéria-prima, que chega a Triunfo em cargas rodoviárias de cana-de-açúcar.

Por sinal, essa foi uma das oportunidades citadas no painel Mapa Econômico do RS, realizado em Porto Alegre no dia 20 de novembro: a produção de

cana-de-açúcar no Rio Grande do Sul, para abastecer a fabricação de plástico verde em Triunfo (hoje o insumo é comprado de fora do Estado).

Outro traço comum entre a produção das resinas tradicionais e do eteno verde está na pesquisa para garantir um produto mais sustentável. Nos últimos anos, mais de R\$ 100 milhões foram investidos na estrutura e em equipamentos mais avançados ao Centro de Tecnologia e Inovação (CTI) da Braskem. Neste local, são 160 funcionários dedicados ao desenvolvimento de materiais mais resistentes e ambientalmente comprometidos.

“Temos um objetivo muito claro de reduzir a quantidade de plásticos no planeta e de garantir a maior reciclabilidade possível. Hoje, posso dizer que o CTI é responsável pela movimentação de diversas cadeias produtivas que vão além daquelas já movimentadas pela nossa produção. Saem dali soluções que vão ser aplicadas na indústria depois”, define Fleischer.

Por isso, a indústria conta com a produção de resinas PCR, a partir da reciclagem do plástico tradicional. É o caso, por exemplo, da produção da Melissa.

Todo o PCR da produção das sandálias que são vendidas na Europa com o selo de origem reciclada sai da Braskem, em Triunfo.

A economia em torno do Polo Petroquímico de Triunfo

- O Polo Petroquímico, com seis indústrias instaladas, responde por 95% da arrecadação de ICMS industrial de Triunfo.
- No complexo industrial, a Braskem produz o único eteno verde de origem 100%

sustentável no mundo.

- A Refinaria Alberto Pasqualini (Refap) responde por 82% de toda a arrecadação de ICMS industrial de Canoas, com o processamento 32 mil metros cúbicos diários de petróleo.

Núcleos da produção petrolífera e química na Região Metropolitana e Litoral

- 📍 Triunfo
- 📍 Canoas
- 📍 Tramandaí
- 📍 Osório
- 📍 Porto Alegre
- 📍 Gravataí
- 📍 Cachoeirinha
- 📍 Novo Hamburgo
- 📍 Campo Bom
- 📍 Portão

Fonte: Investe RS

Combustíveis

Refinaria em Canoas deve se tornar mais limpa com investimentos

Petrobras planeja aporte bilionário para melhorar a qualidade do diesel produzido na Refap

A parada em Canoas entre os oleodutos gaúchos que abastecem o Polo Petroquímico de Triunfo não é à toa. Está ali, na Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), um dos pontos nevrálgicos da economia da Região Metropolitana de Porto Alegre.

A refinaria que iniciou a produção em 1968, com uma capacidade de refino de 4,6 mil metros

cúbicos de petróleo por dia, hoje responde por uma produção de até 32 mil metros cúbicos diários. Produção que garantiu a Canoas, em 2022, a arrecadação de R\$ 1,7 bilhão de ICMS, ou 82% de toda a arrecadação industrial do município, que tem o 2º maior VAB industrial do Estado.

Depois de considerada a hipótese de que a refinaria seria vendida, a Petrobras agora está prestes a investir na melhoria da produção limpa na refinaria, com um ciclo de investimentos nos próximos cinco anos superior a R\$ 1,2 bilhão.



Investimento de R\$ 550 milhões concluído na Refap em 2023 reduzirá as emissões atmosféricas

Um dos objetivos é passar toda a produção de diesel da unidade para o chamado Diesel S-10, considerado menos poluente. Atualmente, a Refap ainda produz parte do diesel com o produto S-500, que deve sair do mercado em breve. Metade da capacidade de refino em Canoas é destinada ao diesel.

Antes disso, porém, com

perspectiva já para 2024, está prevista a adaptação da planta para produzir o chamado diesel RS. É um processo que garantirá que todo o diesel mineral que saia da refinaria tenha 5% da sua composição de óleo vegetal, portanto, renovável.

A refinaria, que hoje emprega até 1,5 mil pessoas entre funcionários diretos e indiretos,

ainda concluiu neste ano pelo menos R\$ 550 milhões em ações para redução de emissões e melhorias na eficiência energética da sua produção.

A estimativa, de acordo com a Petrobras, é de que, com o novo sistema, até 30 toneladas por mês deixem de ser lançadas na atmosfera a partir da produção em Canoas.



a mais de
54 anos construindo um
futuro melhor para os
novos líderes do amanhã.

**Confiança e oportunidade
são a chave desse trabalho.**

Saiba mais sobre nossos programas.



@ciece_rs



@cieers



ciece-rs



ciece-rs



www.somosconjuntos.org.br/



Indústria

Guaíba tem projeto bilionário para produção sustentável



CMPC/DIVULGAÇÃO/JC

Planta em Guaíba, que produz 2 milhões de toneladas de celulose por ano, receberá melhoria ambiental

Investimento de R\$ 2,75 bilhões da CMPC moderniza fábrica de celulose e amplia capacidade

Eduardo Torres

A transformação da economia na Região Metropolitana de Porto Alegre rumo à produção mais limpa tem um símbolo em Guaíba. Justamente nas instalações que, na década de 1970, tinham a fumaça das suas chaminés como exemplo de descaso com o meio ambiente, 50 anos depois se concretiza o maior projeto de sustentabilidade na indústria gaúcha.

Quem comandou, com aporte de R\$ 2,75 bilhões entre 2021 e 2023, foi a chilena CMPC, considerada hoje a maior indústria em operação no Rio Grande do Sul. A partir de Guaíba, mais de 2 milhões de toneladas de celulose são produzidas anualmente, tendo 90% da produção exportada. Agora, com a concretização do projeto BioCMPC, a capacidade será ampliada em 350 mil toneladas a partir de 2024.

Uma ampliação que, diferente de outros tempos, representará menos impacto ambiental com processos industriais. “Temos compromisso com a comunidade de Guaíba e do Rio Grande do Sul. Ainda em 2019, assumimos um pacto que estabelece, até 2025, a redução de 25% do uso de água na produção e o índice

zero de geração de resíduos em aterros sanitários. Até 2030, o objetivo é reduzir em 50% as emissões de gases causadores do efeito estufa, com o acréscimo de 100 mil hectares de áreas de conservação. O projeto BioCMPC concentra uma série de ações para concretização das nossas metas”, explica a diretora de Relações Institucionais, Comunicação e Sustentabilidade da CMPC, Sharon Bicca Treiguer.

Entre as ações já concretizadas está a revisão da coleta de gases nas chaminés. O resultado, aponta a diretora, “é o melhor tratamento de gases de todo o setor no País e um dos melhores do mundo”. É parte do conjunto de 31 melhorias executadas neste projeto – nove relacionadas a medidas de controle ambiental mais eficazes em equipamentos já operantes, oito em iniciativas de gestão ambiental e 14 na modernização operacional.

A CMPC assumiu a planta de produção de celulose em Guaíba em 2009. Desde então, foram quase R\$ 10 bilhões em investimentos para a transformação da produção, que, nos últimos dois anos, bateu recordes.

Em 2015, o aporte foi de R\$ 5 bilhões para quadruplicar a produção na planta, com a criação da unidade Guaíba 2 – na época passou de 450 mil toneladas/ano para 1,8 milhão/ano. Além da celulose, que tem seus principais mercados na Ásia e Europa, a unidade gaúcha produz ainda papel sulfite de diferentes

gramaturas, em quantidade bem inferior à produção de celulose.

Em Eldorado do Sul, uma propriedade de 99 hectares garante um diferencial à sustentabilidade da fábrica. “O Hub de Economia Sustentável garante a reutilização de 100% dos resíduos gerados com a produção de celulose. São 600 mil toneladas por ano, que resultam em 13 novos produtos aproveitados na fabricação de cimento, adubos e fertilizantes até insumos para a produção de painéis de madeira. Com o BioCMPC, continuaremos sendo uma empresa zero resíduos, mas reduziremos consideravelmente o volume gerado”, aponta Sharon Treiguer.

O impacto das ações vai além do parque industrial. São 6,6 mil funcionários entre a produção industrial, florestal e as operações portuárias no Estado. Há uma cadeia de 900 fornecedores, dos quais, 60% no Rio Grande do Sul. A empresa está presente em 75 municípios, com 1.041 hortos e 487 mil hectares de florestas plantadas.

A presença da CMPC mudou a economia de Guaíba. Em 2009, o PIB era de R\$ 1,9 bilhão, com o VAB Industrial de R\$ 538,9 mil. Em 2020, após o aporte de R\$ 5 bilhões na Planta 2 em Guaíba, mas ainda antes do investimento no BioCMPC, o PIB da cidade saltou para R\$ 5,8 bilhões, passando a figurar entre os 10 primeiros das regiões Metropolitanas, Vale do Sinos, Litoral e Centro-Sul.

Município poderá se tornar a “cidade dos aviões” no RS

Se Guaíba mudou de patamar após a ampliação da produção de celulose da CMPC, a transformação da cidade tende a ser ainda maior se for concretizada a instalação de uma fábrica de aviões.

Com investimentos que chegarão a R\$ 3 bilhões em 10 anos, Guaíba terá uma AeroCity no terreno onde, na década de 1990, havia a preparação para receber uma fábrica da Ford. A estimativa da prefeitura é de que, em 10 anos, a arrecadação ganhe um incremento de 30%.

“Iniciamos as tratativas com a empresa quando eu presidia a CDL de Guaíba. É uma grande oportunidade, que colocará a cidade no protagonismo de um movimento importante. Vai ser o maior complexo aeronáutico do País”, projeta o prefeito Marcelo Maranata.

O páreo para a instalação foi disputado com Canoas, mas a possibilidade de construir uma pista de pouso ampla pesou a favor de Guaíba.

“Produziremos, no primeiro momento, modelos DA62, da Diamond, que são os aviões particulares mais vendidos no Brasil. A nossa ideia é descentralizar o mercado brasileiro, que já tem a segunda maior frota do mundo, mas hoje é concentrada em São Paulo. Nossa produção iniciará em nossas instalações no Aeroporto Salgado Filho, a partir de 2024, mas já temos demanda para quatro anos de aeronaves preenchida para nossa futura fábrica”, explica o presidente da Aeromot, Guilherme Cunha, que lidera o novo investimento.

A instalação da fábrica, com pista e hangar, será o primeiro estágio do projeto, com previsão de início das obras

até 2025. Haverá capacidade de produção de até 100 aeronaves por ano, com 1,5 mil empregos diretos e indiretos desde a fase de obras.

Na segunda etapa, o plano da Aeromot é bem mais arrojado. A empresa afirma já ter 15 memorandos de entendimento para trazer a Guaíba tecnologias novas na fabricação de aeronaves e desenvolvimento de projetos.

A AeroCity será uma cidade inteligente, com centro integrado de tecnologia e inovação voltado à aviação. Além da fábrica, o plano é ter empresas satélites, instituições de pesquisa, heliponto, centro de formação, hotel de trânsito e um hub logístico.

“O momento que definimos para este projeto é estratégico. O mundo inteiro discute medidas de descarbonização da aviação. Hoje, o setor é responsável por 3% das emissões de carbono na atmosfera. No ritmo atual, em 2050 serão 18%. Guaíba será um polo de estudos e desenvolvimento de novas tecnologias para reverter este ciclo”, garante Cunha.

O momento positivo para investimentos privados no município inclui ainda uma possível ampliação da TK Elevadores para a produção de escadas rolantes.

Novos aportes tem mudado o cenário. Segundo o prefeito, há 27 novos projetos imobiliários de grande porte em desenvolvimento. “O catamarã e as obras da segunda ponte sobre o Guaíba fazem muita diferença. Já foram 8 milhões de pessoas transportadas pelo catamarã à nossa cidade, e hoje, é mais fácil chegar à área central de Porto Alegre a partir de Guaíba”, diz Maranata.

O crescimento de Guaíba

- Desde a chegada da CMPC, considerada a maior indústria do Rio Grande do Sul, o PIB de Guaíba triplicou, e a perspectiva é de que, nos próximos 10 anos aumente pelo menos 30%.
- Em menos de 10 anos, a CMPC investiu quase R\$ 10 bilhões em suas

- operações no município.
- R\$ 3 bilhões podem ser os investimentos em Guaíba, com a geração de 1,5 mil empregos, com a futura AeroCity.
- R\$ 500 milhões podem ser investidos em Guaíba com a construção de um novo porto e estaleiro na cidade.

Indústria

Líder em calçados femininos, Vale do Sinos aposta em inovação

Região tem tradição na fabricação de calçados, bolsas e acessórios femininos

A sustentabilidade vende. E quem comprova é a empresa líder no mercado de calçados, bolsas e acessórios femininos da América Latina, que tem a meta de chegar em 2030 com 60% de todos os materiais utilizados em seus produtos com origem sustentável e rastreamento de 100% do couro.

O comprometimento da Arezzo&Co, que tem origem em Minas Gerais, mas em 2012 desembarcou em Campo Bom para fincar raízes, tem dado resultados. No ano passado, as marcas da empresa venderam 21,2 milhões de pares de calçados, alta de 15,5% em relação a 2021.

Hoje, a Arezzo&Co tem três unidades produtivas em Campo Bom e uma em Novo Hamburgo, com 3 mil – do total de 8 mil – funcionários trabalhando no Estado. A produção gaúcha responde por 50% do total da marca. É uma das expoentes na região que tem a produção coureiro-calçadista como tradição em plena modernização.

Conforme a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), o Vale do

Sinos produziu no ano passado 76,8 milhões de pares de sapatos entre 616 empresas, que empregam um total de 35 mil pessoas. É o terceiro maior cluster calçadista do País no volume de produção de calçados (atrás apenas de Campina Grande e Sobral) e o segundo em número de empresas, com 15% do total do País, atrás apenas de Franca.

Além de Novo Hamburgo e Campo Bom, o polo coureiro-calçadista do Vale do Sinos mobiliza os municípios de Estância Velha, Ivoti, Portão, Sapiranga, São Leopoldo e Dois Irmãos – que além de fábrica de calçados, também tem outras indústrias importantes como o Grupo Herval e a Mahindra.

“Acreditamos muito no potencial do Vale do Sinos como referência para toda a América Latina. É uma região que concentra desde o berço da matéria-prima principal dos nossos produtos, que é o couro, até uma grande concentração de mão de obra qualificada e especializada. Nas nossas unidades no Estado são feitas a prototipagem, modelagem, costura, fabricação e finalização, garantindo que o padrão de qualidade da Arezzo&Co esteja em todos os produtos”, avalia o diretor executivo de Industrial e Sourcing da Arezzo&Co, João Fernando Hartz.

No portfólio da empresa



Tecnologia é utilizada no projeto e na fabricação de calçados femininos no Rio Grande do Sul

estão 17 marcas, além do marketplace ZZMail. Produtos que são encontrados em 9 mil pontos de venda no Brasil e, especialmente as marcas Arezzo, Schutz, Alexandre Birman e Anacapri já são exportadas para EUA, América Latina, Europa e Ásia.

E para dar sustentação ao avanço, o centro de pesquisa e desenvolvimento da empresa vai além do desenvolvimento de produtos. Entre as ações próprias da Arezzo&Co está a ferramenta de tecnologia blockchain, uma espécie de banco de dados em tempo real que permite o controle de origem e rastreabilidade de toda a cadeia produtiva, única no setor de moda no Brasil, implantada no último ano.

“Priorizamos parceiros do setor coureiro com os

certificados de sustentabilidade mundiais. O objetivo é garantir que a nossa matéria-prima não esteja associada a desmatamento ou a conflitos com povos originários. Por isso, é importante integrar todos os elos da cadeia, que começa na fazenda, passa pelos frigoríficos, curtumes e vendedores de couros para, só então, chegar nas confecções. A tecnologia de blockchain nos ajuda a rastrear todo esse caminho”, aponta Hartz.

Este trabalho já iniciou na cadeia produtiva dos calçados e tem avançado, segundo o diretor, para a produção de bolsas. A tendência de maior rigor pode criar o cenário ideal para que o selo de qualidade do Couro do Vale do Sinos, existente há mais de uma década, se torne finalmente realidade.

O Vale do Couro e do Calçado

- 3º maior polo calçadista do País está no Vale do Sinos.
- 76,8 milhões de pares de sapatos foram produzidos em 2022 entre 616 empresas da região.
- 35 mil pessoas trabalham no setor calçadista no Vale do Sinos.

Onde está a produção de couros e calçados

- 📍 Novo Hamburgo
- 📍 Estância Velha
- 📍 Ivoti
- 📍 Portão
- 📍 Sapiranga
- 📍 Campo Bom
- 📍 São Leopoldo
- 📍 Dois Irmãos

Fontes: Abicalçados e AICSul

Laboratórios do Instituto Brasileiro de Tecnologia do Couro e Calçado preparam novidades

Depois de dois anos de desenvolvimento, chegou às feiras de calçados e às lojas de uma fabricante de calçados infantis um robô que usa a inteligência artificial para mapear todas as características da criança. Ela sobe em uma plataforma, que cria o calçado ideal para aqueles pés.

Foi um dos projetos desenvolvidos dentro dos laboratórios do Instituto Brasileiro de Tecnologia do Couro, Calçado e Artefatos (Ibtec), criado há quase 50 anos e que garante, em Novo Hamburgo, um espaço

específico para as mais de 600 empresas do setor testarem produtos, materiais e desenvolverem novas tecnologias. São 1,5 mil metros quadrados de laboratórios disponíveis para a indústria calçadista.

“Mesmo com parte da cadeia de produção tendo migrado para outras regiões nos últimos anos, o desenvolvimento e a testagem de produtos continua aqui. É o reconhecimento da excelência que se desenvolveu no Vale do Sinos. O instituto é resultado da percepção do setor de

que, coletivamente, era preciso qualificar o produto de maneira atestada para chegarmos aos principais mercados internacionais. Houve vantagem para todo o setor”, explica o presidente executivo do Ibtec, Valdir Soldi.

São mais de mil equipamentos disponíveis para que as empresas desenvolvam seus produtos e tenham um campo de testes controlado antes de chegar ao mercado.

Foi a partir do laboratório de biomecânica do Ibtec, por exemplo, que a tecnologia comfortflex

da Ramarim foi desenvolvida e gerou uma das mais bem sucedidas linhas de calçados da empresa do Vale do Sinos. Com o aumento das exigências sustentáveis no setor, por exemplo, o Ibtec tem desenvolvido uma série de pesquisas sobre a biodegradabilidade e a possibilidade de reaproveitamento das matérias-primas de tênis e sapatos.

“É comum as empresas apresentarem para nós alguns desafios, o que precisam criar, e o técnico avalia os materiais e os testes mais necessários para

chegar ao resultado esperado. Mais recentemente, temos trazido para dentro da nossa estrutura algumas startups que são fundamentais na busca de soluções aos desafios propostos pela indústria”, aponta Soldi.

A importância da estrutura é tamanha que, nos últimos dez anos, foram investidos R\$ 20 milhões no aprimoramento dos laboratórios. Em 2013, havia 40 pessoas trabalhando no Ibtec. Hoje, são 120, além de 15 consultores que atuam em todo o País.

Agronegócio

Camaquã
diversifica a
produção agrícola

Município se destaca no fumo e avança no cultivo da soja com boa produtividade

Eduardo Torres

O maior produtor de fumo do sequeiro, o sexto maior produtor de arroz do Rio Grande do Sul na safra do último ano, o segundo município mais eficiente no cultivo da soja no Rio Grande do Sul, com 3,7 mil toneladas colhidas por hectare. Está em Camaquã o maior Valor Adicionado Bruto (VAB) Agrícola entre as regiões Metropolitana, Vale do Sinos, Centro-Sul e Litoral, de R\$ 259,1 milhões.

“A nossa economia sempre foi movida pela agricultura. Pelas nossas características geográficas, com uma parte alta e a várzea, a forma de plantio, historicamente, também se diversificou”, conta o presidente do Sindicato Rural de Camaquã, Paulo Griebeler.

Na parte mais alta da cidade, estabeleceram-se os produtores familiares de fumo. Conforme a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), o Sul do Estado, que inclui a região Centro-Sul, concentra o segundo maior volume regional de produtores de fumo, com 20,7 mil na safra 2021/22, e a maior eficiência na lavoura, tendo

colhido no ano passado 2,2 mil toneladas por hectare.

Já na área de várzea, Camaquã vive um cenário de mudança, e, em períodos de estiagem, de vantagem em relação a outras regiões do Rio Grande do Sul. A soja chegou valorizada e não houve prejuízos com a seca. Ao contrário.

“Aqui, o nosso problema é o excesso de água, não a falta. Diferente de outras regiões do Estado, aqui não há arrendamento por parte de produtores do Norte. São os produtores de arroz que adaptaram as suas propriedades e têm conseguido vantagem, inclusive, no plantio do arroz”, explica Griebeler.

O rendimento médio da soja no município, aponta o dirigente, é de 50 sacas por hectare. Em alguns casos, chega a 80.

A ocupação das terras com o grão, em alguns casos, até supera a área plantada com o tradicional arroz.

No entanto, a produtividade do arroz foi multiplicada. Seja pelo trato do solo com a rotatividade das culturas ou pela maior capitalização dos produtores, que passaram a investir em maquinários. A média saltou de 100 sacas por hectare para 230 sacas.

O destino da produção fica bem próximo. A empresa Camil, líder nacional no beneficiamento de arroz, tem unidade



Tradicional produção de arroz em Camaquã ganhou melhor rendimento com investimento em maquinário

no município, assim como a Blue Ville.

E também há o fortalecimento cooperativo dos produtores de arroz. A Coopac comprou recentemente, com um investimento de R\$ 20 milhões, a antiga unidade da Cesa em Camaquã, e o local passou a beneficiar parte do arroz plantado pelos associados da cooperativa.

De acordo com o Instituto Riograndense do Arroz (Irga), entre a planície costeira interna e externa, foram cultivados 216,7 mil hectares de arroz em 2022, resultando em 11,8 milhões de toneladas produzidas do grão. É 25% de toda a produção gaúcha.

Produção rural em destaque

Fumo

- 📍 Camaquã
- 📍 Barão do Triunfo
- 📍 Mariana Pimentel

Arroz

- 📍 Camaquã
- 📍 Mostardas
- 📍 Tapes
- 📍 Palmares do Sul
- 📍 Viamão

Soja (mais eficientes)

- 📍 Barra do Ribeiro
- 📍 Camaquã
- 📍 Cristal
- 📍 Tapes
- 📍 Butiá

Floresta Plantada

- 📍 Butiá
- 📍 Triunfo
- 📍 Mostardas
- 📍 Dom Feliciano
- 📍 São Jerônimo

Banana

- 📍 Três Cachoeiras
- 📍 Morrinhos do Sul
- 📍 Mampituba
- 📍 Dom Pedro de Alcântara
- 📍 Três Forquilhas

Melancia

- 📍 Triunfo
- 📍 São Jerônimo
- 📍 Charqueadas

Fonte: Secretaria Estadual da Agricultura



Palmares do Sul é uma das cidades com identificação de procedência

Arroz do Litoral Norte gaúcho tem diferencial

Camaquã está do lado interno da Lagoa dos Patos. No lado externo, os arrozeiros têm um diferencial reconhecido. Desde 2010, o chamado “arroz do Litoral Norte gaúcho” tem a identificação de procedência, que lhe garante um selo de qualidade diferenciado no mercado. Há, no entanto, uma dificuldade. Para garantir o selo, o produto precisa ser beneficiado na própria região do Litoral.

“Hoje beneficiamos 1,5 milhão de fardos, mas somente 170, em torno de 1% da produção, recebe o selo. É o arroz de

maior qualidade e, portanto, o mais caro no Rio Grande do Sul. Ainda não é algo reconhecido pelo consumidor final, mas é uma sementinha que estamos plantando para valorizar o produtor e estimular também a cadeia produtiva de beneficiamento na nossa região nos próximos anos”, diz o presidente da Cooperativa Arrozera Palmares, de Palmares do Sul, José Mathias Martins.

Atualmente, a cooperativa é a única produtora com arroz certificado pelo selo no mercado. Entre os diferenciais do arroz do litoral estão o alto

percentual de grãos inteiros e o alto rendimento quando vai para a panela. Resultado de uma combinação única entre os ventos, a salinização do solo e as características do plantio.

Em média, o arroz produzido nesta região é comprado pela indústria a 8% acima do preço normal. E o principal mercado, aponta Martins, está em regiões como São Paulo, Goiás e Minas Gerais. De lá, o arroz litorâneo, sem o selo de procedência, ganha as mesas de todo o Brasil e o exterior.

Logística

O boom de centros logísticos na Região Metropolitana

Rodovias em Nova Santa Rita, Gravataí, Sapucaia e Cachoeirinha concentram CDs de grandes empresas

Eduardo Torres

São raras as oportunidades para uma combinação perfeita de elementos que garantam o crescimento de um setor econômico específico. Foi o que aconteceu entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos. Some a capilaridade de rodovias, a proximidade com o maior mercado consumidor do Estado, as obras de ampliação, e transformação do Aeroporto Salgado Filho em um terminal de cargas mais eficiente e a explosão do comércio online com a pandemia.

Era a receita para o boom do setor logístico na região, com a multiplicação dos chamados condomínios. São pelo menos 15 condomínios logísticos de grande porte entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos.

O maior deles – e também o maior da Região Sul do Brasil –, porém, surgiu bem antes deste fenômeno. Em 2009, quando o projeto para a BR-448, inaugurada quatro anos depois, tornou-se uma certeza, veio a missão para que um grupo de empresários em Nova Santa Rita erguesse um centro logístico para um cliente específico.

“Eram 10 mil metros quadrados em um lugar que tinha um grande potencial para crescer com a nova rodovia. Rendeu frutos e acabou crescendo naturalmente. Hoje, temos 193 mil metros quadrados instalados e dinheiro em caixa para construir

mais. Dependemos somente do mercado logístico”, diz o diretor do 3SB Parque Logístico, Reginaldo Martins.

Atualmente, são 12 clientes de grande porte instalados no condomínio de Nova Santa Rita. O maior deles, a Amazon, ocupa 41 mil metros quadrados, seguido pelo Stok Center, com 35 mil metros quadrados ocupados, e as Lojas Colombo, em 30 mil metros quadrados.

“Os condomínios são o ambiente ideal para trazer um centro de distribuição para mais próximo do seu mercado consumidor e eliminar o custo de transporte, por exemplo, desde São Paulo. Claro, aqui temos uma característica muito própria de um estado que está na ponta do País. Não é negócio, por exemplo, centralizar aqui uma operação que atenda ao restante do Brasil, mas sim, para o atendimento regional”, explica o diretor.

Foi atrás disso, e também de custos menos elevados do que em São Paulo – o metro quadrado para instalação no Rio Grande do Sul é 35% inferior – que muitas empresas aqueceram este mercado durante a pandemia. Foi um boom, que hoje não se mantém mas, segundo Martins, não representa enfraquecimento do setor, mas o afastamento de possíveis aventureiros.

É que, ao invés dos armazéns tradicionais para instalações de empresas, no caso dos centros de distribuição e condomínios logísticos, a exigência construtiva é outra. É preciso infraestrutura especial no piso, pé direito e disponibilidade para manobras na área de operação.

“Somos constantemente consultados por interessados em investir no setor, para saberem como administrar esse tipo de negócio. Porque é um investimento que atualmente precisa ser assertivo. Há poucas áreas disponíveis na Região Metropolitana com a exigência que este tipo de empreendimento tem”, aponta Reginaldo Martins.

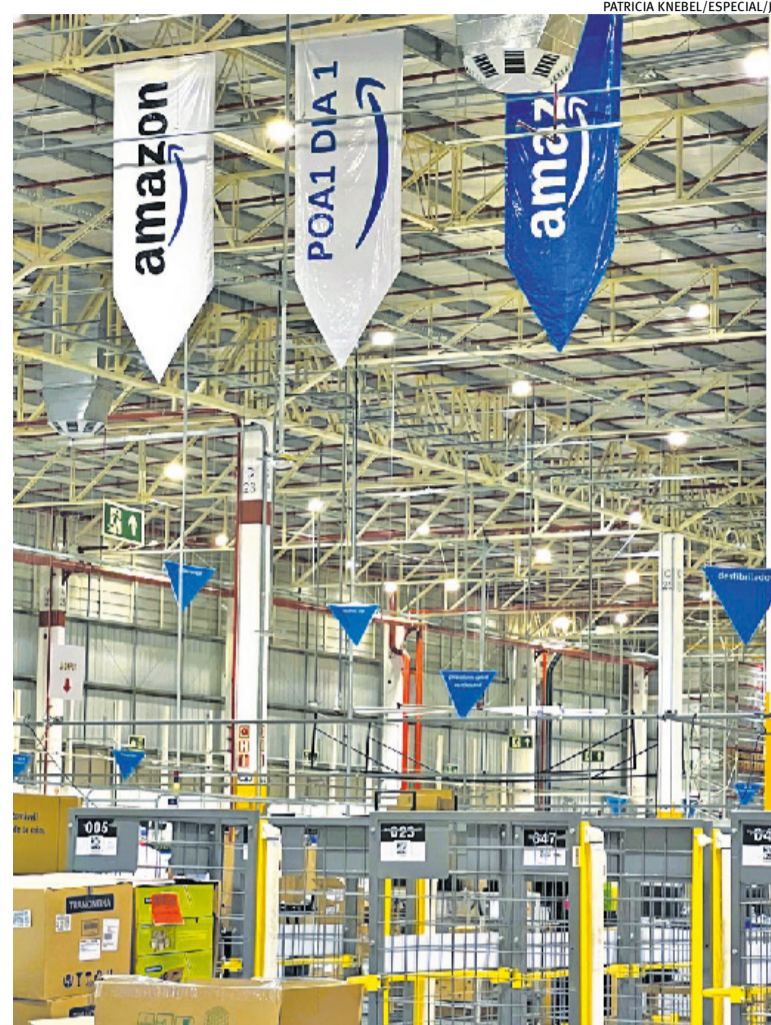
No eixo do Vale do Sinos, tendo as rodovias BRs-116, 386 e 448 como eixos logísticos, condomínios como o Eco Parque Lourenço e Souza, em Sapucaia do Sul, estão em crescimento. Foi ali que neste ano a Mercado Livre se instalou. Já no eixo do Vale do Gravataí, com a BR-290 e ERSs-118, 030 e 020 como eixos logísticos, Cachoeirinha e Gravataí tornaram-se referências.

Foi em Cachoeirinha, por exemplo, que aquele antigo cliente da 3SB cresceu e criou o seu próprio centro logístico. Para que se tenha uma ideia, mais da metade das 68 empresas instaladas no distrito industrial do município atuam no setor de logística.

Em Gravataí, principalmente a partir da duplicação da ERS-118, o incentivo aos condomínios logísticos virou uma missão de governo como uma das estratégias para diversificar a matriz econômica local, dependente da General Motors (GM).

“Hoje, eu diria que ainda estamos em uma condição de evolução no cenário da logística do Estado. Temos no mínimo outros três ou quatro grandes investimentos nesta área prestes a serem anunciados”, garante o prefeito Luiz Zaffalon.

Já há pelo menos quatro



Amazon é uma das gigantes com centro de distribuição no Estado

grandes condomínios e centros de distribuição instalados em Gravataí. Um movimento que se iniciou às margens da ERS-118 e hoje também tem espaço à beira da BR-290 (freeway).

“Nós estamos sempre em campo para a atração deste tipo de investimento, e em Gravataí, quem recebe os possíveis investidores é o prefeito e a partir daí, o caminho para a instalação é desburocratizado. Entre a negociação e a inauguração do CD das Farmácias São João, por exemplo, levou oito meses”, conta Zaffalon.

Esta aproximação com os empreendedores é também uma forma do governante acelerar a busca de soluções aos gargalos na infraestrutura. Neste ano, por exemplo, Gravataí investe R\$ 60 milhões nesta área, depois de

O mercado logístico na Região Metropolitana

Onde estão os principais condomínios logísticos da região:

- 📍 Nova Santa Rita
- 📍 Sapucaia do Sul
- 📍 Cachoeirinha
- 📍 Gravataí
- 📍 Canoas

outros R\$ 60 milhões desembolsados no ano passado.

Para além de Gravataí, Cachoeirinha e Nova Santa Rita, há investimentos importantes pontuais de empresas como o do Grupo Panvel, maior rede de farmácias do Sul do Brasil, que ampliou seu centro de distribuição em Eldorado do Sul, com um investimento de R\$ 30 milhões.

Obra no Viaduto da Scharlau deve desafogar trânsito no Vale do Sinos em 2024

A Região Metropolitana de Porto Alegre tem gargalos viários que poderão ter solução nos próximos anos. De acordo com a concessionária CCR Viasul, estão previstas para 2031 obras para a implantação da quarta faixa na freeway e, seguindo a tendência da importância do setor logístico na Região Metropolitana, a concessionária informa que, desde 2021, cinco novos acessos à rodovia federal foram criados e os

viadutos tiveram a altura adequada para 5,5 metros.

Em outra frente, a CCR Viasul tem previstas para iniciar em 2034 as obras para a duplicação do trecho de 60 quilômetros entre Tabaí e Canoas, o último a receber melhorias na rodovia que liga a Região Metropolitana até o Norte do Estado. A concessionária classifica essas obras como uma adequação do trecho multivias da BR-386. Isso porque

já há duas pistas em ambos os sentidos, no entanto, não há, por exemplo, um canteiro central, acostamento ou vias marginais, retornos e acessos.

Com investimentos federais, está prestes a ser superado – ou amenizado – outro histórico gargalo logístico na região, na BR-116, com as obras de quatro novas pontes sobre o Rio dos Sinos, iniciadas em 2021, e o trecho do Viaduto da Scharlau, no

entroncamento com a ERS-240, que deve ter obras finalizadas no começo de 2024, segundo o Dnit. Com a criação de terceira faixa no trecho do Vale do Sinos da rodovia federal, serão eliminados os semáforos.

Também são esperadas para serem entregues em 2024 dois trechos de alargamento de pista da rodovia em Canoas, e no final de 2024, a ligação entre Guaíba e Pelotas deve estar finalizada. A

estimativa é de que entre o Vale do Sinos e o trecho sul da BR-116, até Jaguarão, flua 50% da economia gaúcha.

Entre as perspectivas para desafogar limites para a logística na região há ainda a operação ampliada do terminal de cargas do Aeroporto Salgado Filho, desde 2021. Em 2022, a Fraport informou que 26,7 mil toneladas foram transportadas entre cargas e descargas na Capital.

Infraestrutura

Do pioneirismo de Osório aos novos projetos eólicos no Litoral no RS

Litoral Norte do Rio Grande do Sul tem 9 projetos de parques eólicos no mar

Eduardo Torres

Em 2005, foi instalado o Complexo Eólico de Osório, pela Enerfin, considerado, à época, o maior da América Latina. Na primeira década de operação, a receita de Osório, reforçada pela atração de outros investimentos, incluindo uma planta industrial da Calçados Beira Rio, por exemplo, mais do que dobrou, saindo de R\$ 126 milhões, em 2005, para R\$ 275 milhões. A arrecadação de ISS triplicou no mesmo período. Osório tinha em 2020 o segundo maior PIB do Litoral, com R\$ 1,6 bilhão, quatro vezes maior do que em 2005.

Hoje a Enerfin mantém a geração de energia eólica além de Osório, no município vizinho de Palmares do Sul, chegando a 375,4 MW de potência instalada. Entre o Litoral e a Região Metropolitana, o governo estadual informa que há 649 MW instalados. É a segunda maior potência em operação no Rio Grande do Sul, com parques eólicos em Osório, Palmares do Sul, Tramandaí, Xangri-Lá e Viamão.

O setor de energia eólica é uma das oportunidades de negócios na economia da região, agora também offshore. Entre os 22 projetos para instalação de parques eólicos no mar ao longo da costa gaúcha, 9 estão no Litoral Norte. Um dos principais é liderado pela Neoenergia, entre Capão da Canoa e Xangri-Lá, com potência de 3 mil MW.



Osório passou por uma transformação econômica a partir da instalação de parque eólico em 2005

O potencial da energia dos ventos no Litoral do Rio Grande do Sul

Parques eólicos em operação na região

- 📍 Tramandaí (70 MW)
- 📍 Osório (318 MW)
- 📍 Palmares do Sul (178 MW)
- 📍 Xangri-Lá (32 MW)
- 📍 Viamão (60 MW)

Projetos eólicos offshore no Litoral Norte

- 📍 Xangri-Lá e Capão da Canoa (3 mil MW)
- 📍 Mostardas, Palmares do Sul, Tramandaí, Osório e Cidreira (6,5 mil MW)
- 📍 Tramandaí (702 MW)
- 📍 Osório e Imbé (1,2 mil MW + 2 mil MW)
- 📍 Torres (1,6 mil MW)

Projetos eólicos onshore na região

- 📍 Osório e Tramandaí (520 MW)
- 📍 Palmares do Sul (501 MW)
- 📍 Tapes (620 MW)
- 📍 Dom Feliciano (149 MW)
- 📍 Viamão (305 MW)
- 📍 Santo Antônio da Patrulha (95 MW)

Fonte: Investe RS

Guaíba pode sediar novo porto no Rio Grande do Sul

Entre as regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Centro-Sul há 159,2 quilômetros de rios, que se somam a outros 258,3 quilômetros rumo à exportação. E o caminho é pela água, entre as hidrovias do Caí, Gravataí, Sinos e Lago Guaíba, e ainda, da Lagoa dos Patos.

Não é coincidência que os três principais municípios exportadores entre essas regiões – Porto Alegre (grãos), Guaíba (celulose) e Triunfo (polímeros) – tenham os

seus terminais portuários como a porta de saída da produção.

Além do porto da Capital, administrado pela Portos RS, há outros 9 terminais privados na região. Somente na operação da CMPC, entre Guaíba e os portos de Pelotas e de Rio Grande, são 100 mil viagens de caminhão que deixam de ser feitas a cada ano.

Quem está atento a essa oportunidade é o engenheiro naval Alberto Bins Difini, diretor da

empresa Petrosul, que desde os anos 1960 opera com barcos nas hidrovias do Estado. Depois de uma década, está saindo do papel o plano de criar um novo porto, com um estaleiro, à beira do lago no município de Guaíba. “Encontramos a área ideal, com 67,9 hectares e quase 1 quilômetro de faixa de praia, próxima ao terminal da CMPC”. Os projetos para construção do porto e do estaleiro em Guaíba estão em licenciamento.

Caminho pelos rios

■ São 159,2 quilômetros de navegação possível entre o Guaíba, Sinos, Gravataí e Caí, além de outros 258,3 quilômetros na Lagoa dos Patos.

■ As hidrovias são a principal rota de saída dos produtos que garantem os resultados positivos nas exportações de Porto Alegre, Guaíba e Triunfo.

■ As regiões têm 8 entre os 20 principais municípios exportadores do Rio Grande do Sul entre janeiro e setembro de 2023.

Os principais terminais portuários da região

- 📍 Porto de Porto Alegre
- 📍 Terminal Santa Clara (Triunfo)
- 📍 Terminal CMPC (Guaíba)
- 📍 Terminais de gás e de grãos de Canoas

Fonte: Portos RS

Porto em Arroio do Sal prevê R\$ 6 bilhões em investimentos

Um movimento arrojado de um grupo de empresários da Serra, do Norte do Estado e do Vale do Sinos está prestes a revolucionar a realidade de um município do Litoral Norte. A perspectiva é de que Arroio do Sal receba até R\$ 6 bilhões em investimentos no Porto Meridional, que pretende ser uma alternativa a Rio Grande, especialmente ao setor industrial do Norte gaúcho.

“Será um porto marítimo com nove piers e uma capacidade equivalente a Rio Grande, de 53 milhões de toneladas”, explica o diretor jurídico da Porto Meridional, André Busnello.

O projeto está na fase de assinatura de contrato de adesão junto à Antaq, que autorizou a construção portuária. A partir daí, será iniciado o estudo de impacto ambiental (EIA-RIMA). Somente nesta etapa, a empresa já investiu R\$ 50 milhões.

Os maiores municípios exportadores

■ **Porto Alegre é o 3º maior exportador** do RS no ano: 77% das exportações de grãos e 6,2% de partes de automóveis.

■ **Guaíba é o 5º maior exportador** do RS no ano: 91,3% das exportações de pastas químicas de madeira e papel.

■ **Triunfo é o 6º maior exportador** do RS no ano: 74,3% das exportações de polímeros e 22,5% de éteres e hidrocarbonetos.

■ **Gravataí é o 10º maior exportador** do RS no ano: 55%

das exportações de automóveis e partes de automóveis; 20% de condensadores elétricos e máquinas; 13% de pneus e borrachas.

■ **São Leopoldo é o 11º maior exportador** do RS no ano: 45% das exportações ferramentas pneumáticas, aparelhos mecânicos e 35% de armas de fogo.

■ **Canoas é o 14º maior exportador** do RS no ano: 56% das exportações tratores, partes e acessórios de veículos, 13,7% de coque de petróleo e óleos

de origem do petróleo e 10% de transformadores e refrigeradores.

■ **Sapiranga é o 18º maior exportador** do RS no ano: 90% das exportações de calçados e partes de calçados.

■ **Novo Hamburgo é o 19º maior exportador** do RS no ano: 55% das exportações de calçados e partes de calçados e 21% de couros.

■ **Charqueadas é o 23º maior exportador** do RS no ano: 100% das exportações de produtos de aço.

Fonte: Ministério do Comércio Exterior

Construção civil

Crescimento populacional e obras transformam o Litoral

Na contramão do RS, região registra forte alta populacional; mercado imobiliário está aquecido

Eduardo Torres

“As pessoas que vinham para o Litoral nos anos 1980 e 1990, e voltam agora, se surpreendem. Porque não é mais o mesmo lugar, e aquele fluxo de pessoas que se concentrava na região só no período de verão, sem a estrutura adequada, mudou completamente. E isso tem exigido que a política pública seja mais ágil”, diz o prefeito de Capão da Canoa, Amauri Germano.

Ele governa o município que registrou, entre os censos de 2010 e 2022, o crescimento populacional mais acentuado na região. Em Capão, a população residente saltou de 42 mil para 63,5 mil pessoas, alta de 51%. Nos finais de semana, a população aumenta para algo em torno de 150 mil pessoas, e no verão, 1 milhão. Em todo o Litoral, o Censo do último ano registrou 372,6 mil habitantes, 25,8% a mais do que no levantamento anterior.

Conforme a concessionária CCR Viasul, que opera a freeway desde 2019, a cada ano, há o aumento de 4% no fluxo da rodovia em direção às praias.

“O período de pandemia acelerou esse processo. Muitas pessoas, com a necessidade do home office, optaram pelo Litoral em busca de mais qualidade de vida e pela proximidade da Região Metropolitana. Há, ainda, muitas pessoas da terceira idade optando por se estabelecerem na região. É um perfil populacional de classe média-alta”, aponta o prefeito.

Em 2020, Capão da Canoa registrava o maior PIB da região, de R\$ 1,7 bilhão, com um VAB de Serviços de R\$ 1,3 bilhão. A tendência para os próximos anos é de alta. É que, naturalmente, com a migração populacional, os serviços têm se aproximado cada vez mais do Litoral.

Nos últimos anos, duas escolas particulares instalaram-se em Capão, e ambas já não têm vagas disponíveis no ensino fundamental. Um polo da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) já está no município e, conforme o prefeito, a movimentação agora é para a vinda do curso de Medicina para a região.

Pudera, entre Capão da Canoa e Xangri-Lá, já são três hospitais e há o projeto de construção de mais um. A corrida dos supermercados, atacarejos e grandes varejos também marca presença no Litoral. Redes como Andreazza, Stok Center e Havan já estão instaladas. “Em 10 anos, nossa população vai triplicar”,

acredita Germano.

Uma perspectiva que ganhou força a partir da liberação, após um período de embargo, para novos projetos habitacionais na região. Somente em Capão, deram entrada este ano entre 40 e 50 projetos para novos edifícios e outros quatro condomínios de casas e terrenos.

“Estamos, sem dúvida, na região mais aquecida para o setor de construção no Rio Grande do Sul. Temos em torno de 2,5 mil imóveis a serem lançados nos próximos cinco anos entre apartamentos e casas em Capão da Canoa e Xangri-Lá. Dois condomínios recém lançados, por exemplo, tiveram 100% das vendas em 30 dias”, aponta o coordenador do escritório regional do Sinduscon no Litoral Norte, Alfredo Pessi.

Até setembro, a avaliação de valores gerais de venda, entre Capão da Canoa e Xangri-Lá, chegou a R\$ 1,7 bilhão em 2023. E é o tipo de empreendimento com exigências específicas. “As pessoas que vieram para o Litoral buscam conforto para toda a família e qualidade dos serviços que tinham em Porto Alegre ou Região Metropolitana. Há uma demanda grande por construções nas áreas da saúde, educação e varejo, e cada vez mais estamos em busca de mão de obra qualificada para esse tipo de construção”, diz Pessi.

Turismo

Da orla aos eventos, turismo em Porto Alegre ganha força

Não é exagero dizer que, em março deste ano, Porto Alegre reuniu o mundo no Cais Mauá. Durante o South Summit, 22 mil pessoas de 50 países estiveram na Capital dispostas a conhecer a cidade e fazer negócios. Este é o cenário ideal nos planos de fazer de Porto Alegre e Região Metropolitana um dos principais destinos turísticos de eventos e negócios no País.

A estimativa é de que entre 65% e 70% dos turistas que chegam à cidade tenham interesse em negócios. É um dado que corrobora o levantamento da International Congress and Convention Association (ICCA), que apontou a capital gaúcha como a terceira no ranking das cidades brasileiras com maior número de eventos corporativos, ao lado de cidades como Florianópolis, Salvador e Foz do Iguaçu.

“Porto Alegre está em um momento propício para segurar o turista na cidade por mais tempo. Finalmente, temos atrativos como a orla revitalizada e a multiplicação de hubs na área da saúde ou inovação. O turista vem para um evento e fica pelo menos uma noite na Capital”, diz a presidente da associação

Os potenciais turísticos das regiões

- **Turismo de negócios e eventos** (Porto Alegre, Novo Hamburgo, Canoas)
- **Vale Germânico** (São Leopoldo e 8 vizinhos)
- **Costa Doce** (Tapes)
- **Litoral Norte** (Torres, Xangri-La, Capão da Canoa, Tramandaí)

Fonte: Observatório do Turismo RS

Porto Alegre & Região Metropolitana Convention & Visitors Bureau, Adriane Hilbig.

Estatísticas da Fraport apontam que o Aeroporto Salgado Filho recebeu, em 2022, 3,2 milhões de passageiros, destes, 129,6 mil internacionais. “É um número crescente. Na pandemia, boa parte das relações de negócios passou a ser feita em encontros virtuais. Então, cada vez mais precisa ser um compromisso nosso vender bem Porto Alegre. Este é um turista com tíquete médio maior do que o do turista de lazer”, observa Adriane, que opera o tradicional barco Cisne Branco.

Costa Doce, Litoral Norte e Vale Germânico são atrações

Conforme levantamento do Observatório do Turismo do Rio Grande do Sul, há 17 centros de convenções entre Porto Alegre, Litoral Norte e Vale Germânico. Representam 30% das instalações consideradas ideais para receber eventos internacionais – e por consequência atraírem esse tipo de turista. Em Novo Hamburgo, o município é o principal investidor da Fenac, que projeta fechar o ano com 600 mil visitantes entre as feiras e eventos realizados no local.

E a agenda futura é promissora, com diversos eventos confirmados para os próximos anos. A cada dia, aponta o Observatório do Turismo do Rio Grande do Sul, turistas injetam até R\$ 790 milhões na economia gaúcha. Com características

diferentes, há pelo menos outras três regiões turísticas nas proximidades da Capital. No Vale do Sinos, há o chamado Vale Germânico, que tem como mote a colonização alemã e reúne atrações de nove municípios a partir de São Leopoldo.

No Litoral Norte, as praias são a atração principal e alternativa importante aos negócios locais. Conforme o Observatório do Turismo, mais de 4,5 mil pessoas trabalham em atividades ligadas ao turismo. Em Torres, o setor responde por 11% dos empregos.

Já no lado sul, a partir da Capital, a atração é a Costa Doce, que abrange municípios do Centro-Sul e do Sul do Estado. Nesta área, está concentrado o terceiro maior VAB de Serviços do Estado.



Capão da Canoa passou por crescimento nos últimos anos; população aumentou 51% entre 2010 e 2022

Acompanhe o Mapa Econômico do RS em 2024

O Jornal do Comércio realizou ao longo de 2023 um raio-x da economia do Rio Grande do Sul. O Mapa Econômico do RS mostrou oportunidades e desafios ao desenvolvimento econômico do Estado, com um panorama das principais cadeias produtivas gaúchas, tendências de desenvolvimento e dados sobre os 497 municípios gaúchos.

Em 2024, o projeto será ampliado, realizando eventos regionais em novas cidades e mostrando a evolução nas diferentes regiões do Rio Grande do Sul, com indicadores sobre a economia do RS, que servem para a tomada de decisão.



Escaneie o QR Code e veja como foram as edições de 2023.